

quisição de mais um dado, que, por ser talvez o último, não deixa por isso de ser o mais importante e por ventura o mais difficil tambem.

Resta levar a idéa até á última das camadas sociaes, e depois protegê-la e amparal-a ahí, até que, fecundada pelo sol da sciencia, germine e comece de fructificar, ainda que poucos, ao menos bem sazonados pômos.

É o que falta. E a falta é tal, que longo tempo terá ainda de fazer sentir-se; porque, infelizmente, mesmo entre os que se dizem illustrados, parece não estar bem disposto o terreno para abraçar uma semente, que de certo daria viçosas plantas e, a seu tempo, prodiga e abundante colheita de bons, optimos fructos sociaes.

Tal é a fraqueza dos homens!...

D'ella vêm idéas menos boas, que, applicadas, dão de si uma ruim práctica, divisada, aqui e alli, por entre funestos resultados e pessimos exemplos na sociedade, que são a consequencia mais fatal, um triste e doloroso effeito dos desvios da intelligencia, ou antes — perdoae a dureza da phrase — do *trivialismo* intellectual!

Outras vezes — quem sabe?! — serão desvios da vontade, voluntarios até!... É pena, causa mesmo dó o dizel-o; mas mais pena é, e mais dó causa a realidade; porque, embora custoso de acreditar, não seria talvez facil desmentir o factio, em presença de testemunhos irrecusaveis que nos apresenta a historia de todos os tempos e de todos os dias.

Respeitando, porém, a intencionalidade de cada um — permittam-nos os leitores sinceros e conscienciosos — desde que a doutrina ou as idéas de qualquer chegam pelos órgãos da imprensa, especialmente, a entrar no dominio do público, a este, a todos em geral, como a cada um em particular, é dado tambem o julgar d'ellas, comtanto que ao seu juizo presida toda aquella rectidão e pureza de motivos, que, depois de maduro e reflectido pensar, devem fazer proferir aquelle com toda a ingenuidade e franqueza, — exempto de toda e qualquer nota, por pequena que seja, de parcialidade ou suspeição.

(Continúa) Gaspar B. Garcia Pereira.

## O AMOR

As ethereas rosas fulgidas  
Que desparze ao oriente  
A aurora, quando ridente  
Sahe dos braços de Mórphœu;  
O manto d'azul purissimo  
Que se desdobra no ceu;

Aquella brilhate purpura  
De que se veste o occidente,  
Quando é quasi extinto dia;  
A doce melancolia  
Que tem da lua a luz pálida;  
Do iris as côres mimosas,  
As côres de tantas rosas  
Que ingrinaldam val e serra;  
Toda emfim, toda a belleza  
Que reveste a natureza,  
Vem do sol, d'esse astro esplendido,  
Que de luz inunda a terra,  
Que lhe empresta as varias côres  
Que da aurora enchuga os prantos,  
Das aves desperta os cantos,  
Reanima, dá vida ás flores  
Que exalam odor suavissimo.

O amor é sol da vida; esparge prodigo  
No difficil caminho da existencia

As rosas do prazer.

Fecunda o coração de mil virtudes;  
Illuminado por elle, o entendimento  
Sobe ao Eterno-Ser.

Ai do desterrado 'neste mundo,  
Que vae palpando trevas, solitario,  
Sem ver a luz do amor!  
Ludibrio das paixões tumultuosas,  
Impossivel a fe, perdida a esp'rança,  
Por companheira a dôr!

Braga, 6, 63.

D. Maria. ...

## DIVAGAÇÕES

Como «a ociosidade é mãe de  
todos os vícios; assim a neces-  
sidade o é da boa industria.»

*Maximas populares.*

Hoje, em pleno seculo dezenove, na epocha que se diz das luzes, porque a liberdade, nome escripto pela mão da Providencia no coração do homem, pullula de todos os cantos d'esta velha terra de Portugal, alguém julga, que fallar em materia religiosa ja não está na moda, ja não merece a attenção de nossos pensadores; como se o sentimento religioso, que eleva o homem pelo interesse temporal ao espirital, podesse em tempo algum ser riscado do coração humano, pelo roçar dos seculos, pelas continuadas vicissitudes da humanidade; como se o ente racional bem longe de progredir, quizesse retrogra-



dar, e esquecendo-se do fim supremo, confundir-se com os irracionaes; como se liberdade e religião, emfim, não fossem duas irmans queridas, que ligadas pelo laço tão suave—fraternidade, podessem desprender-se, repelir-se, e disputarem-se os interesses proprios.

Illusão terrivel é esta, que arrasta o homem ao scepticismo religioso, e que fazendo-o olvidar o que sente em seu peito, o põe na collisão de abraçar religião ou liberdade, despresando assim a historia, que, imparcial, lhe está mostrando o sangue do Golgotha, vertido para libertar a humanidade captiva!..

Eu, porém, animado d'outros sentimentos, esforçando-me até por encurtar o liame que une a liberdade com a religião, não deixarei de falar 'nesta por temer offender aquella; que isso seria renunciar ao meu pensar, exprimir o que não sinto.

Por isso, lá vae.

É principio certo, e por todos reconhecido á luz da philosophia, e á face da historia, que o homem, *como finito*, não pôde subsistir em sociedade sem religião — vinculo forte, que o une ao seu Deus. — É, pois, consequente que os povos serão mais ou menos felizes, amar-se-hão com mais ou menos ternura, o principio do direito, e os preceitos da moral executar-se-hão com mais ou menos justeza, conforme a religião fôr mais ou menos pura, mais ou menos adequada á natureza e fim do homem. E, assim, demonstrado que seja que uma de todas as religiões é a que melhor exprime esse sentimento, de que o homem foi dotado pelo Creador, parece-me a mim, e confesso-o do coração, que todos os povos devem trabalhar, empenhar-se para abraçá-la, não so para se tranquilisar o espirito a respeito do que é além da campa, mas até attendendo a fins terrenos; pois que, ligados todos os povos pelo mesmo sentimento religioso, serão melhor satisfeitas as necessidades quotidianas, ao que prestam grande auxilio as associações.

Feliz, portanto, o povo que possuir tal thesouro; verdadeiramente feliz, por ter em si o germen de toda a civilisação, que desenvolvendo-se, ha de fructificar, e produzir, assim, os mimosos pomos, que a sociabilidade pôde dar.

Infeliz o que, despresando o verdadeiro e o bello, abraça principios, que so lhe mostram a verdade através de prismas embaciados; e longe de despertarem a sensibilidade com impressões grandiosas, so a alimentam com crueldades e depravações, com vagidos profundos de tenros filhos, queimados lentamente á vista de suas mães ante o *pobretão e repellente* deus Molok;

— com a descarada prostituição das virgens, aconselhada por seus proprios paes, como sendo o culto mais pomposo, que devia prestar-se á luxuriosa Venus!...

(*Continúa*).

Coimbra, 18 de Março de 1864.

A. M. S.

## FLORES DO PASSADO

A M. P.

Tive esp'ranças, tive anhelos,  
Sonhos dourados, tão bellos,  
Que mais não!

Duarte de Vasconcellos.

.....  
Da noite a brisa flacida  
as tranças te aflagava;  
'nesses immensos páramos  
a lua campeava,  
'scondendo em veus diaphanos  
o rosto virginal;  
eras-me ao lado, candida  
como a pura assucena,  
que na estação amena  
perfuma, orna o rosal!

Felizes ambos, eramos  
'num tapete d'alfombra,  
debaixo do verde álamo  
que além o tanque assombra...  
não sei que vozes magicas  
então ouvi sahir  
de teus labios carmineos,  
que ledos se entre-abriram,  
e para mim sorriram  
um celeste sorrir!

Depois... mudos meus labios  
so apenas puderam  
beijar-te a fronte rosea,  
com que de arder temeram...  
O claro arroio próximo  
no leito murmurou...  
e a brisa, odora e tépida,  
juncto a nós perpassando,  
'num tom suave e brando  
— *amae-vos!* — ciciou!...

Seminario de Viseu.

A. Candido de Figueiredo.



## DEUS SEMPRE

Á EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. A. M. A.

Tenho desejos ardentes  
Quaes lavas escandecentes  
D'um volcão.  
Imagens d'immensa gloria,  
Sonhos de louca victoria,  
Illusão!...

Fadada para o martyrio,  
Que importa que este delirio  
No soffrer  
Me destrua minha crença?!  
Quem pôde triste sentença  
Esquecer?!

Soffro e a voz não levanto.  
O animo não ousa tanto  
Nesta dor!  
Do peito não vem um brado,  
Que me seja bem fadado  
Para amor!

Amor!.. palavra descrida,  
Crença mais que fementida,  
Vão sonhar!  
Vão sonhar, que me embalaste  
E que depois me deixaste  
Sem ainar!

Se em momentos de loucura  
Poude crer'nessa ventura  
Que é do céu,  
Veiu cedo o desengano  
Com seu halito profano  
E venceu!

Hoje so tenho uma esp'rança,  
Qual meiga luz de bonança  
A surgir!  
Da minha vida no termo  
Ha de vél-a o peito enfermo  
La sorrir.

Além da morte ha a vida,  
Além da campa sumida  
Ha um Deus!  
Ha premio para a desdita  
Ao transpôr da alma afflicta  
Para os ceus!!

Henriqueta Elysa.

## A VOZ DO SUICIDA

Imitação-parodia

DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup>

D. H. Elysa

Tive esp'ranças, tive anhelos,  
Sonhos dourados, tão bellos  
Que mais não!  
Tive aspirações de gloria;  
Juguei sorrir-me a victoria...  
Tudo em vão!

Fadado para o martyrio  
Levou-me até ao delirio  
Meu soffrer.  
Destruida a minha crença  
Tive por negra sentença  
So descreer!

Ja não tenho meigo pranto  
Que me seja orvalho sancto  
Nesta dor.  
Mas do peito mal fadado  
De descrença solto um brado  
Não d'amor!

Amor... palavra maldicta  
Que me deu esta desdita,  
Meu penar;  
Sonho vão que me acalenta,  
E que depois me atormenta  
Recordar.

Se em momentos de ventura  
Poude crer'nessa loucura,  
Que tal é,  
Infesou-me o desengano  
Com seu halito profano  
Minha fé!

Hoje p'ra minha vingança  
So me reluz uma esp'rança  
Num punhal!  
Da minha vida no termo  
Ficará meu peito ermo  
D'este mal.

Extincto o sôpro da vida,  
Além da campa abatida  
Que haverá?!  
Ou alli finda a desdita  
Ou então p'ra alma afflicta  
Deus não ha!

Duarte de Vasconcellos.



## UM BAILE CAMPESTRE

(VERSÃO)

(Continuado de pag. 121)

— Que quer dizer isto, senhor? lhe diz ella fazendo esforço por se levantar.

O que se tornou para elle um pretexto plausivel de se lhe apoderar das mãos para a reter.

— Senhor, tenha a bondade de me deixar!

Elle, porém, só tractou de se lembrar da phrase d'ataque.

— Deixar-vós! Oh! não!... Não agarrar pelos cabellos uma occasião, que não se repetirá talvez na minha vida!

Oh! não!... terieis vós, luminoso metéoro, brilhado um momento na minha existencia para em seguida desaparecer e mergulhar-me nas trevas?

Oh! não!... Serieis tão cruel, anjo do ceu, que me fizesseis ver todas as joias do paraizo e não me deixasses aproximar d'elle?

Oh! não!... Oh! não!... Oh! não!...

Modulando em todos os tons está harmoniosa negativa e esta successão de metaphoras roubadas ao *secretario dos verdadeiros amantes*, depois de ter percorrido até ao *dó* a escala de notas da voz humana, levantou-se de repente com os braços estendidos para a senhora de Foligny, como Orpheo correndo após a sua Eurydice.

O que se passou neste momento por detrás d'elle? Seguramente alguma cousa de novo.

Porque, levantando-se no ar como um balão, deu um salto prodigioso e cahiu com o nariz em terra aos pés da amavel viuva, que assistia admirada a este exercicio amoroso-gymnastico, desconhecido para ella.

Devemos confessar ao leitor que o galante *leão* não estava em poder do seu livre arbitrio, quando executou este excentrico e pouco brilhante passo de dança.

Um desconhecido tinha contemplado, com um ar de vivo descontentamento, todos os passos do fozoso *leão*; elle tinha-o seguido até ao bosque, e ahi, no meio da declaração já referida, allongando o pe bruscamente (brutalmente, digamos) á altura d'uma certa região, dignou-se .....

Tal é a explicação do maravilhoso salto de que a senhora de Foligny se aproveitou para fugir para a carruagem, que a esperava a alguma distancia.

## III

Dois dias depois aconteceu que a senhora de

Foligny precisou d'um criado. Um dos candidatos apresentou-se com poderosas recommendações.

Coisas do mundo!.....

O criado aspirante não era mais do que o *leão* do baile.

Complemento da explicação dada em cima.

Monsieur de tal, sabendo que o seu criado, aproveitando-se da sua ausencia, se adornava com a sua roupa para ir representar o papel de conquistador nos bailes campestres dos arbabades de Paris, deu-se ao trabalho de o seguir, de apanhal-o em flagrante delicto, e gravar-lhe no... juizo a licção que nós sabemos, decretando-lhe a sahida sem pagamento.

## Conclusão

A senhora de Foligny julga que se divertiu muito em toda esta aventura, mas não parece tentada a procurar outra.

Em quanto ao galante criado, tornou-se de uma circumspecção extrema; em cada criada de quarto, julga elle ver uma duqueza.

Coimbra, 10 de fevereiro de 1864.

Ignacio R. da Costa Junior.

## SONETO

Eis o *primeiro* verso d'um soneto,  
O *segundo* não fica no tinteiro,  
Com a mesma pennada eis o *terceiro*  
E so d'*outro* depende este quarteto.

De não ficar no *quinto* inda prometto,  
Pois o *sexto* lhe dou por companheiro,  
Salte o *septimo* ja para o poleiro,  
Em quanto que na forja *est'outro* metto.

Nem se diga que o *nono* é coxo ou manco,  
Que não corre parelhas com o *decimo*,  
Nem que o fim do terceto fica em branco.

O difficil, agora, está 'num *essimo*....  
Mas se livre fiquei d'este barranco,  
O soneto — coitado! — acabou pessimo!

Coimbra, março de 1864.

Severino d'Azevedo.



CRÊ!

Quem te poz, minha amada, assim de luto e nos olhos as lagrimas cahindo?

E os longos suspiros, que hoje escuto, quem t'os faz suspirar, meu anjo lindo?

Bem sei que vives, orphan, tristemente, sem pae, que te alivie em tuas dores!...

Que importa? Posto o sol, la do Oriente hade vir outra aurora — a dos amores!

S. D.

## CHRONICA

Foi-se, fugiu a *semana sancta*, rapida como... uma tarde de vespõra de feriado! Ai! *sanctas* noites de *semana sancta*, vós devieis ser longas e duradoiras como as noites dos tropicos, ou tão continuadas e successivas como os dias d'uma semana *macha*, porque vós sois noites *divinas* para quem sabe *aproveitar-se* de vós, e empregar-vos em continua *adoração e amor*.... de Deus!

Recordam-vos com saudade os *leões* e as *pantheras*; as *sensitivas* e as *tartarugas*, porque vós sois para todos um tempo *divino*!

Eu recordo-vos porém com mágoa e tristeza, porque vi durante vós o templo do meu Deus transformado em praça pública, desacatados os sanctos mysterios da paixão d'AQUELLE, que de lá expiliu á ponta d'azorrague os vendilhões infames; — e porque vi durante vós em todas as egrejas, onde se celebraram os officios divinos, mal desempenhado o que ha de mais augusto, poetico e sublime no drama da redempção — a parte musical.

Principiemos por nossa casa. Na Universidade, na Capella Real, alli onde a *semana sancta* todos os annos têm sempre um *não sei que* de mais sublime e attractivo, para onde nós sentimos arrastar por mais *sympathico* interesse, este anno nem *quasi* lá se podia entrar; é que os *divinos officios* eram ali desempenhados a *canto-chão*. Foi na realidade uma triste lembrança, fosse ella de que fosse.

Aquellas rajadas de divinina poesia mistica, que o trovador propheta do alto das ruinas de São desprenhia das cordas d'uma lyra afinada ao som d'ais e gemidos; as inspiradas estrophes, que o Poeta Rei decantava dedilhando as cordas da sua harpa sancta quando constricto e arrependido

« o seu peccado chorou »

não são para traduzir agora em *conto* tão *baixo* e rude por alguns padres, que mal sabe procurar

a *corda coral* num responsorio de defunctos. Em festas de tanta pompa, magestade, e grandeza, não admittimos meio termo; ou tudo, ou nada; e melhor fõra *nada* que *tão pouco*. Por isso, repetimos, foi bem triste a lembrança do *canto-chão*, fõsse ella de quem fõsse; e esperámos que para outro anno se não repetirá.

Agora, descendo á Capella da Misericordia, cumpre-nos tambem pedir para outro anno mais *misericordia* pelas coisas de Deus. O corpo do templo estava decorado com regularidade e decencia, e nem isso admira porque todos aquelles adornos se acham ja de reserva, mas a musica é que estava uma miseria, principalmente os solos que eram desempenhados por crianças que mal podem dar ainda ás peças a força que a letra em certas partes requer. A ex.<sup>ma</sup> mesa deve por uma vez convencer-se de que a *prata da casa* não é sufficiente para o decente desempenho que taes funcções exigem. Na Sé foi onde as coias marcharam inda assim com melhor ordem, havendo comtudo inda bastante tambem que notar pela parte *musical*; e nem isso admira; pois se o côro era regido por um musico sem *ouvido*! O *tiple*, cujos solos no grande poema do « *Miserere*, » são esperados com tanto afan, e tão sempre escutados e admirados com empenho e interesse, desapparecia alli, sumia-se mesmo, por demasiadamente fraco, na vastidão do templo.

E foram estas as tres egrejas em que se celebraram os *officios divinos*, sendo todas tres no bairro alto.

Em nenhuma d'ellas tivemos o gôsto d'ouvir uma *lamentação* cantada com algum geito; era uma pena ouvir como aquelles... *marrecos*, — para não dizer outra coisa — *estropiavam* aquelles hymnos de tanto mimo e doçura, de tanta unção poetico-religiosa! Era uma pena, fazia mesmo perder a paciência ouvir assim *estragar* a linguagem, que os anjos empregam nos coros celestes.

Era o *Miserere*, o que unicamente se podia ouvir em todas as partes sem *irritação dos nervos*; isso sim, que sendo uma composição partida do seio do Infinito num momento d'inspiração, em que José Mauricio sonhava com a voz de Deus traduzida na voz da natureza, não pôde nunca resentir-se da fraqueza e imperfeição das coisas humanas.

O *miserere* é esse hymno sublime que tendo feito a gloria de José Mauricio, ha de fazer tambem a sua immortalidade, porque é esse hymno grandioso que o poeta soube compor de notas espalhadas no medonho rugido das vagas, como no doce estalo do beijo; no sicante sibilhar da



brisa, como no terroroso estampir do trovão; nas trovas enamoradas da canção da philomela, como nos ultimos e ternos gorgeios do cysne moribundo; em tudo o que ha de mais magestoso e sublime na voz da natureza, na eloquencia de Deus; porisso o *miserere* de J. Mauricio, ha de ser sempre o primeiro, e embora mal executado ha de ser sempre escutado com interesse e fervoroso enthusiasmo christão, porque ha de ser sempre sublime como é sublime a doutrina do christianismo, que acolhendo-o para si, nelle possui tudo o que ha 'naquelle genero de mais grandioso e bello.

É que J. Mauricio era o artista christão, que sentia o que escrevia, e escrevia o que sentia; porisso o seu *miserere* lhe sahiu d'uma magestade verdadeiramente divina, porque aquella reunião immensa de sons diversos se assemelha em tudo ás toadas harmoniosas e melancolicas dos anjos em redor do throno da Virgem.

Por isso J. Mauricio foi o compositor *divino*, como em Italia lhe chamaram, porque a sua composição revela toda a magestade grandiosa da letra que exprime; alli vê-se e admira-se a inspiração do poeta, que se desprende da terra e se eleva até ás regiões desconhecidas. J. Mauricio prende-nos, arrasta-nos pelas harmonias divinaes do seu *Miserere*, como O'Connell levava atraz de si os povos que o escutavam; enebria-nos, como o selvagem do Canadá embriaga a *cascavel*, que estaca deante d'elle ao ouvir os sons melodiosos do seu rustico instrumento; seduz-nos como a Sereia do mar fascina o nauta que lhe escuta um canto; eleva-nos da terra, como Orpheu destacava das montanhas as pedras, que, para ouvi-lo, o seguiam.

E é porisso que sendo o seu *miserere* quem o fez appellar «o *Cysne do Christianismo*,» foi tambem elle a sua coroa de poeta.

E enthusiasmado com o *Miserere* ia ficando por aqui d'esta vez; mas contando tambem com o vosso *miserere*, piedosas leitoras, vou contarvos ainda, o que na noite de sexta-feira succedeu na Sé Cathedral por occasião que prégava a *soledade* o sr. dr. Rodrigues, lente de theologia na universidade. Isto agora é so para as leitoras de fóra, que as de ca, estou eu bem certo que ainda se não esqueceram, nem esquecerão, em quanto forem leitoras, e houver *semanas sanctas*, de um facto que lhes ficou para sempre gravado na memoria com um ponteiro... de ferro.

Sabia-se que ia prégear de *soledade* o sr. dr. Rodrigues d'Azevedo; a sua bem conhecida fama de excellente orador christão, havia attrahido ao templo uma massa enorme de gente de to-

dos os sexos, condições e edades, e que apesar de sua grande vastidão la mal cabia, e note-se que dizemos «de todos os sexos,» e não d'ambos os sexos, porque alem do masculino e feminino, estava o sexo dos *leões*, o das *tartarugas*, o das *pantheras* é o sexo das *sensitivas*.

Como é natural em taes logares e por taes occasiões a massa compacta de povo, principiou de remechar-se em *ondas*. Alguem impellido por uma d'ellas — dizem — cahira para cima d'algumas mulheres que começaram de se queixar em altos gritos; não foi nada: num momento espalhou-se por toda aquella pinha de gente um tal terror panico, que a Sé era agora a verdadeira imagem de Sanct'Iago do Chili pela occasião do grande incendio que ainda ha pouco alli teve logar.

Era curioso e interessante ver num so momento, e como que todos impellidos por um machinismo occulto, as *tartarugas* levantadas no tanque implorando soccorro; as *pantheras* agaradas aos *leões*, em quanto estes amparavam as *sensitivas* que se lhes deixavam cair nos braços pallidas como a açucena dos valles, flexiveis como a junça do brejo. Foi ésta uma scena indescriptivel; era o *bello horrivel*, que se pôde imaginar, mas nunca traduzir-se.

E ha bem quem ainda hoje se recorde d'aquella noite com saudade, porque aquelle momento de horror sabemos nós que o foi tambem de *terrivel felicidade* para muita gente. É que então ja não haviam distancias possiveis; alli todos se conheciam, ja todos se uniam e tractavam de salvar-se reciprocamente. Era bello e curioso ver como todos procuravam, quasi que instinctivamente, salvar so *aquillo* que o seu coração lhes apresentava como mais digno de estima!...

E estão quasi passadas as ferias! mas coragem, que as *grandes* estão á porta. Fui hoje ao jardim e ja vi borboteando a *árvore do ponto*. Desejámos *boas festas* á leitora, e até á chronica seguinte.

O chronista.

## AVISO

Com bastante mágoa e sentimento *somos arrastados* a participar aos srs. assignantes que *ainda não satisfizeram o importe do primeiro trimestre*, que no proximo número começaremos a publicar os seus nomes, se até la nós não pouparem a tamanho desgosto.

A redacção.





## O SECULO DEZENOVE

(Conclusão de pag. 92)

Tinha-se o espirito humano libertado da pressão e influencia religiosa; mas, como sempre apparecem tyrannos debaixo de qualquer fórma, o homem é depois subjugado pelos imperantes civis, cuja oppressão é porventura mais intoleravel. Até aqui o despotismo era cuberto com o manto religioso; agora com a purpura real.

O homem é novamente considerado como uma entidade de que o imperante civil pôde dispor como quizer; o poder das bayonetas sufoca qualquer expansão de liberdade, que se manifeste. A theoria do direito divino é arvoraada em systema de verdade; a soberania popular não tem razão de ser, está toda resumida na pessoa do monarcha. Os reis seguem á risca o detestavel systema de Machiavel; o fim das nações é o fim do Estado, que é o rei: os povos são meios de que se pôde servir a seu bello prazer!... Insensatos!... Que desconhecieis os mais sanctos e inalteraveis principios da natureza humana, e o legitimo fim das sociedades! Quantos martyres sacrificasteis ás vossas insaciaveis ambições e aos vossos caprichos!?

Que importam o direito e a justiça, vans palavras so na imaginação escandecida dos philosophos? Temos o poder tremendo das bayonetas, a que nada resiste: a nação somos nós. Mas cautela!... Pois não vêdes que o soldado filho do povo pôde fraternisar com elle? Não vêdes como se aproxima rapida e necessaria essa terrivel epocha de 93?!... Oh!... Então a ira do direito ultrajado desmoronará até aos alicerces o vosso edificio baseado na tyrannia, mal baseado!... O oceano revoltoso da ira e vindicta popular em um momento lançará no abysmo a barca que julgaveis vogar em honançoso mar de rosas!... Mas lancemos um veo no futuro; sigamos a marcha dos tempos, esse trabalhar continuo d'acção e reacção.

O seculo 19.º é uma consequencia forçada dos seculos 17.º e 18.º É muito para se notar o rapido desinvolvimento do homem nestes dois seculos memoraveis: a razão, emancipada do

jugo da auctoridade, submete tudo á sua critica, e invoca a philosophia como sua unica divindade tutelar. Todas as sciencias e artes progridem de um modo espantoso: é que o espirito de servilismo e adulação fôra banido.

O direito natural, até alli modelado pelo arbitrio e vontade dos imperantes civis, é constituido na sua verdadeira base, é elevado á cathegoria de sciencia, fóro que ainda lhe não tinham dado: fica por consequencia formando um dos mais brilhantes ramos da philosophia.

Grocio, Puffendorf, e especialmente Kant, estudando psychologicamente a natureza humana, são os primeiros que, tomando por pontos de partida a *sociabilidade*, *egualdade* e *liberdade* do homem, organisam systemas de direito natural, sobre que toda a legislação positiva se devia basear.

Todas as artes e sciencias tinham tido um progresso maravilhoso, depois da descoberta do novo mundo; e, como o espirito humano tende a ter conhecimentos variados de todas ellas, ahi pelo meado do seculo 18.º apparece á luz da publicidade essa obra monumental, — a *Encyclopedia*, em que collaboraram os primeiros sabios da epocha, D'Alembert, Diderot, Jaucourt, e outros.

Esta obra grandiosa é d'um trabalho incalculavel, onde são tractados profundamente e á luz da philosophia todos os ramos dos conhecimentos humanos, e onde vêm artigos que so por si fazem a instrucção do individuo, prepara nas ideias politicas a reforma que Luthero produzira nas religiosas.

Era geral a fermentação!...

Aproximava-se a revolução tremenda e gigante!... Faltava só um homem que primeiro tivesse a audacia de se manifestar, e soubesse arrebatar as massas pela força da palavra: esse homem appareceu, era Mirabeau. Não sei se foi elle quem produziu a revolução, se foi a revolução que produziu Mirabeau. O que é certo é que a explosão estava de ha muito preparada; Mirabeau foi apenas a centelha...

Este Demosthenes francez, eleito pelo *terceiro estado* representante dos Estados Geraes em 1789, deslumbra ahi as primeiras notabilidades, e ganha pelo enthusiasmo e força de eloquencia, apostrophando a realesa, a mais solida e subida reputação.

A elle se deve o célebre juramento do Jogo da Pela em 24 de junho de 1789, pelo qual o *terceiro estado* se declara em assembleia soberana, deliberante e superior á prerogativa real!...

Desde então os acontecimentos succedem-se rapidos e quasi pelas leis da fatalidade!



Desapparecem distincções sociaes; as duas classes, nobreza e clero, são sotterradas, e com ellas os seus privilegios.

Eis-nos ja na epocha inexoravel e terrivel da Convenção Nacional; Danton, Marat e Robespierre fazem ir á guilhotina milhares de victimas, e entre ellas o infeliz Luiz 16.º, digno por certo de melhor sorte. Coitado! Fadou-te talvez a Providencia para seres victima expiatoria dos attentados dos teus maiores!... Mas quem sabe da Providencia os arcanos!?

Aquelles homens fortes da revolução, que alguns accusam de tyrannos e sanguinarios, não foram mais que frageis instrumentos da ira popular, quebrados por ella.

Expliquemos a contradicção—*fortes, frageis*. Fortes, em relação ao que fizeram; frageis, em relação ao que deviam fazer: a sua obra era superior ás forças humanas.

Portanto não alcunhemos estes homens de tyrannos e sanguinarios. Fizeram martyres, é verdade; mas eram forçados por imperiosas circumstrancias, que todos sabem: outros em igual situação, que não fôsem *anjos*, faziam o mesmo, senão peor.

Ja visteis alguma grande revolução social sem martyres? Teve-os o christianismo, teve-os a revolução franceza, e hão de tel-os todas as revoluções: é lei da natureza.

Mas demos o facto por consummado, e vejamos quaes as suas consequencias. É fóra de toda a dúvida que a revolução franceza de 1789 é o acontecimento de maior alcance futuro e mais memoravel que tem havido depois que ha mundo. A ella se deve a segunda regeneração do homem; foi ella que produziu a civilisação do seculo 19.º, e accelerou a marcha do progresso, que até alli caminhava vagaroso; foi ella ainda que levou á execução o pensamento dos philosophos sobre a liberdade e egualdade do homem, mostrando que elle não era uma chimera.

Os principios proclamados pela revolução franceza, abraçados primeiramente pelas nações europeas, mesmo a despeito da mais tenaz reacção dos imperantes civis, irradiaram-se, como luz vivificante, por todos os povos conhecidos, e vão produzindo os fructos, de que ainda hoje gosámos.

Mas concluiria a revolução franceza toda a obra da regeneração do homem? Podémos nós deitarmo-nos tranquillos á sombra da viçosa arvore da liberdade, que os nossos irmãos plantaram e regaram com o seu sangue?... Não podémos; seria um suicidio. Muito nos resta ainda que fazer. Não vemos nós por ventura como

está carregado o horizonte politico para o lado da Allemenha?!... Estejamos pois todos alerta, e quebrems os grillhões dos povos ainda escravos contra os sceptros dos tyrannos que os têm algemados.

E, para não sermos sepultados nas ruinas da nossa propria obra, muito releva preparar e aguardar a occasião propicia, mas não a deixemos passar desapercibida. Façamos como o bom agricultor, que, para ter boa colheita, semeia em tempo competente.

Por isso, vós, apostolos e proselytos d'uma ideia, ávante; caminhae sempre, e sobre tudo aproveitae as occasiões favoraveis para as grandes tentativas...

Coimbra, 24 de março de 1864

A. Eduardo de Moura.

## UM NOIVADO DE SANGUE

É ella! a noíva! ella a mais formosa:  
Que lindo noivo tão gentil que tem!...  
Os outros dizem que elle é bem ditoso,  
Feliz na posse de tão grande bem.

Almeida Braga.

(Continuação)

O noivo era esperado no salão por uma torrente de felicitações e parabens.

E elle via a sua felicidade tão brilhante como o sol que o alumiaava.

No horisonte do seu futuro não divisava a mais leve nuvem, mensageira de tempestades.

D. Amelia appareceu, enfim, acompanhada d'outras donzellas, entre as quaes ella sobressahia em formosura e gentileza, apesar de ir o anjo da melancolia de quando em quando agitar as turvas azas sobre a fronte da meiga filha de D. Ambrozio.

*Bellas estrellas, e um sol no meio.*

Este verso de Camões dá uma ideia do quadro que Amelia formava com suas companheiras.

O cortejo sahio do castello, rico, magestoso, surprehendente!

E assim se encaminhou para a capella.

Na passagem todos iam tão absorvidos no fulgor da festa, que ninguem reparou em um pequeno papel que a briza em suas ondulações conduziu da mão de Amelia aos pés de um mendigo, que no meio da numerosa multidão do povo via e admirava o luzido cortejo.

O mendigo baixou-se o apanhou-o furtivamente; desenrolou-o e leu:

«Verás como é curto o caminho que conduz do noivado ao sepulchro».



Chegaram á capella.

Ja celebrar-se o consorcio.

Quando o sacerdote pronunciava as sacrosantas palavras que faziam a felicidade de Fernando, a sineta da capella, ou porque alguém roçou acaso por ella, ou porque o vento a impelliu, agitou-se e vivrou uma badalada que prepassou pelos ouvidos de todos como um dobre de finados!

Voltaram-se com arrepios de pavor indefinido.

E Amelia, aproveitando este incidente, tirou das pregas do vestido o quer que fosse.

Houve um momento de silencio, que uma voz saída do centro da multidão cortou dizendo — Vamos!

A cerimonia continuou.

Perguntou o padre a D. Amelia, segundo o costume — se recebia por legitimo esposo a D. Fernando.

Ella respondeu com a vista em chammas — Não, porque sou casada.

Houve um brado de espanto e confusão.

D. Ambrozio sentiu que as pernas lhe vergavam; escorreu-lhe da fronte enrugada um suor frio; julgou não ter ouvido bem; julgou sonhar.

Adiantou-se vacillante. — Minha filha, exclamou — és tu que deliras ou sou eu? Tu casada?!

Fernando parecia fulminado. Tinha no rosto o assombro, o ciúme e a raiva. — Casada!.. bradou rangendo os dentes e reanimando-se — Apareça o ladrão da minha felicidade, appareça, e venha a minha espada apagar o seu nome do livro dos que vivem!.. Amelia, a minha Amelia, casada! E com quem?

— Com o tumulto — disse ella suavemente; e com mão rapida cravou um punhal no seio, thesouros d'amor!

E da ferida burbulhou sangue, que foi naccar-lhe as vestes de pomba!

E nos olhos lindos pairou a vida dizendo adeus ao corpo; abriu-os meiga, fitou o pae, que não acreditava no que via, e cahiu-lhe aos pés dando um gemido frouxo; e morreu!

Neste momento de horror, que a penna não sabe descrever, aproximou-se do cadaver com um passo magestoso um mendigo.

Era tão triste o seu todo, tão imponente tambem, que não houve vista que não ficasse immovel pregada nelle.

Beijou na face o cadaver e ergueu-se altivo. Era outro.

Sacudiu os cabellos e deixou ver uma frente espaçosa e de talento; scintilavam-lhe os olhos com um brilhar inspirado; arrojou de seus hombros os andrajos de mendigo, e deixou ver as

formas juvenis, nobres e esbeltas de Antonio de Noronha.

Novo grito de espanto.

Antonio sorriu, e tomando a mão da defuncta disse com voz pausada e sonora: — Sr. capellão, dignae-vos proseguir as ceremonias! O noivo sou eu.

Cavalleiro — exclama o padre — que horrores são estes? Respeitae o cadaver, não o profaneis!

— Isto não é profanação, é um noivado de sangue.

Não tinha acabado ainda e tinha mergulhado no peito o punhal de Amelia.

— Abençoe-nos, padre! Em seu leito gelado espera-me a minha noiva.

Foram as suas ultimas palavras ao cair morto aos pés de D. Ambrozio.

O sr. Vasconcellos fez uma pausa.

Eu e a minha amiga sorrimos á inverosimilhança da narração.

(Continúa) *Ephigenia do Carvalho.*

## A POBRE

Eu sou pobre, cá na terra  
Os prazeres que ella encerra  
Para mim ja nada são!  
Sou infeliz!.. desgraçada!..  
Vivo pobre... abandonada,  
Sem ja ter consolação!

Eu sou pobre... a minha vida...  
É c'róa toda teçada  
D'espinhos, penas e dor!  
Ja fui grande, rica e nobre!  
Mas agora vivo pobre...  
Pobre de pão e d'amor!

Com esta mão estendida,  
Entre as turbas involvida,  
Sulçando imploro em vão!  
« Dae esmola á desgraçada »!  
Mas o mundo passa, e nada  
Cae nesta gelada mão!

Pobre, velha, ja sem brilho,  
Sem pae, sem mãe, sem um filha,  
Que tudo tive e perdi!  
Sem um parente, um amigo...  
No mundo sem um abrigo!..!  
Porque ao nascer não morri?!..!

Em quanto que vou pedindo,  
Ora de fome cahindo



Ou de frio a tiritar;  
 Vive o rico na grandeza,  
 E os restos da lauta meza,  
 Não lhe a matilha fartar.

Deus não deu ao rico o ouro,  
 Para o fechar num thesouro,  
 E á fome o pobre morrer!  
 « Dáe á pobre » — disse Deus —  
 « Qu'essas esmolas nos ceus »  
 « Haveis um dia encontrar. »

Peço pão, mas ai! que importa!  
 Todos me fecham a porta:  
 Tudo é mudo á minha dôr!  
 A desgraça desprezaes:  
 Á fome vós me mataes:  
 Mas perdoar-lhes, Senhor!

D'êsta vida no tormento  
 No auge do sofrimento  
 Heidê ter resignação,  
 Que do que tive em creança,  
 So me ficou na lembrança  
 — Patria... amor... religião!

Torres-Novas. A. C. d'Almeida.

**VIUVA E ORPÃO**

Dorme, anginho, oh! não volvas  
 Para mim teu triste olhar!  
 Que de Deus a benção pura  
 Sobre ti ha de baixar.

Calla gementes queixumes  
 Nos braços de tua mãe;  
 Minhas lagrimas se dobram  
 Se em teu rosto as vir também!

Tu não sabes quantas maguas  
 Se abrigam no peito meu;  
 Quantas queixas eu devoro  
 Que não vão da terra ao céu!

Cobriu teu berço a mortalha  
 Em vez de branco lençol!  
 E em vez de rigor so prantos  
 Saudavam teu arrebol!

E em vez das faxas da infancia  
 Negro crepe te cingia!  
 De teu pae a sepultura  
 Juncto ao teu berço se abria!

Deus, se é bom, as minhas preces  
 Ha de no ceu attender;  
 Levar-nos-ha d'este mundo,  
 Onde estamos p'ra soffrer:

Tens frio? teu corpo aquece  
 Na febre que queima o meu;  
 De mim te chega bem juncto.  
 Tê raiar a luz no ceu!..

Mas soffres, pobre innocente,  
 Tanta fome; e Deus sem vir!..  
 Reza, reza, meu aninho,  
 Que a Providencia hade ouvir!

Virgem mãe dos peccadores  
 O meu filho adormeei:  
 Eu sinto a morte tão perto,  
 Ai! de mim que o deixarei!..

Com vosso manto cobri-m'o  
 E p'ra Jesus m'o levae:  
 Que vae ser do desgraçado,  
 Na terra, sem mãe, sem pae?..

Sobre estas lages tão frias,  
 Vae-se meu filho finar,  
 Antes de vir mão amiga  
 Sua fome metigar!

Ouvi-me, Virgem Sanctissima  
 De mim perto a morte vem:  
 E o meu filho, o meu filho  
 Leva-o do mundo também!

Ouviu Deus aquella prece,  
 Um anjo á terra mandou,  
 Que ao raiar da madrugada  
 Duas almas resgatou.

Lodeiro, 11 d'outubro de 1863.  
 Henriqueta Elysa.

**UM QUADRO SOCIAL**

(Continuado de pag. 128)

— Estas palavras despertaram a attenção de Felisberto. Era natural, visto que acabava de dar tracto ao espirito para resolver se esta ou aquella côr poderia influir em alguma cousa na nobreza de uma familia. Continuou, pois, a ler e leu o seguinte: « Mas entenda-se; eu gôsto do padre; — padre, quero dizer, gôsto do padre que comprehende o



evangelho, e o ensina por palavras e com o exemplo.»

« O padre, que sahe d'aquí; o padre da politica; o padre que, desprezando as cousas do ceu, se envolve constantemente em interesses terrenos, esse, acho eu, que para pouco ou nada serve; e que passa da primeira dignidade na sociedade para a última, para a escoria!»

Assim tambem gósto do homem nobre, mas nobre por sentimentos e acções. Nobreza de sangue causa-me riso; fidalguia de pergaminhos faz-me dó.

Nobreza de sangue! O que significa isto? Corra nas veias do mendigo, ou nas do homem poderoso, nas do homem que nasceu nas torridas regiões d'Africa ou nos climas temperados da Europa, o sangue é em todos o mesmo, ou se é azul o dos ultimos, então classifiquemol-os d'outro modo; não no reino hominal. O que significa um pergaminho? Esse, para quem o possui, mas não o ganhou por acto seu, pôde ser um documento historico, ou monumento a passadas glorias, se não foi comprado a dinheiro pelos seus antepassados.

« Passou ja o tempo em que os filhos pagavam culpas dos paes; e, se ainda hoje respeitam vestigios d'esses tempos, é que as ideias ainda as mais justas precisam ser lançadas em terreno bem preparado, e este preparo não pôde ser obra de alguns dias ou mezes, nem ainda de poucos annos. Virtude e vicio são pessoas; são so, por tanto, o engrandecimento de uma e o rebaixamento do outro. Em presença d'estas ideias, que respeito, o que significa um pergaminho? Se tanto, é o epitaphio num tumulo de glorias, que ja foram.»

Felisberto, acabando de ler estas palavras, levantou-se, e principiou de novo a passeiar pela sala.

De quando em quando parava, levava a mão direita aos bigodes, que retorcia; inclinava a cabeça um pouco para o chão, e fitando a vista num ponto so, parecia meditar, e meditava.

Aquellas palavras, que acabava de ler, fizeram-lhe impressão, e parecia-lhe conterem a resposta á pergunta que a si mesmo fizera. Pegou de novo no livro; leu segunda vez, e quando acabou, pronunciou em voz alta e com a espontaneidade da convicção: *Não ha dúvida. Debaixo d'aquella cor escura pôde existir uma alma candida, e existe.* No dia seguinte, Felisberto procurou Maria; apertou-a num estreito abraço, e chorando lagrimas de arrependimento disse: Perdoar-me-has tu, Maria? Perdoar-me-has o desprezo que te votei? Olha, o meu espirito obsecado não via senão brazões e pergami-

nhos; não comprehendia a nobreza da virtude; não descobria através d'esse teu rosto, queimado pelos raios ardentes do sol d'Africa, o teu coração tão generoso! Perdoa-me tu, Maria, e não me desprezes.

Maria, cedendo ao impulso do seu coração nobre e generoso, exclamou: Oh! como eu sou feliz! como é consolador o ver trocado em amizade o desprezo que nos votavam! Ouviu o Senhor as minhas orações! Benedicto seja elle! E'nisto apertava nos braços o thio Felisberto, que chorava ainda suas lagrimas de contentamento, com que se misturavam as de Maria.

Pouco a pouco foi esta conquistando a affeição de todos os parentes, d'aquelles mesmos, que a haviam desprezado; a ponto de por todos ser adorada. Continuou Maria, vivendo na companhia de Carlos e Adelaide, a quem dedicava amizade de filho, renunciando assim, da melhor vontade, aos gozos das grandes terras. Ella vive ainda.

(Continua).

Abel Pardo Valle.

Que do que vive em grande  
So me ficou na lembrança  
— Patria... amor...  
A M. P.

... a mim o que me é dado?  
Voz p'ra cantar... uma alma para amar-te.

— Anthero do Quental.

Sempre tu, visão aerea,  
nos sonhos que o triste sonha!  
ora contente e risonha,  
ora prantos a verter!  
ora na pallida face  
o desesp'rar da bonança,  
ora o sorrir da esperanza  
no rosto todo prazer!

Quer com risos, quer com prantos,  
me acordes a phantasia,  
sempre meus braços, Maria,  
estendos, mas que estreitar,  
se os archanjos, quando descem  
a este mundo d'enganos,  
aos maldados humanos  
so concedem o sonhar!?...

Mas... é docê o sonhar! — desce  
á minha mente abrasada,  
e leva na aza nevada  
o saudoso pranto meu!

Quer com risos, quer com prantos,  
me acordes a phantasia,  
seras sempre a minha guia;  
tu me levarás ao ceu!



Não são as tranças douradas,  
 não são as faces de rosa,  
 não é a mão graciosa,  
 que me prende o coração!  
 nem são os olhos que fitas,  
 côr do ceu, no ceu infindo,  
 nem os lábios que, sorrindo,  
 mostrando perolas vão!

É, sim, essa alma d'archanjo  
 que envolvem rosas e neve,  
 a quem este peito deve  
 mil esp'ranças no porvir!  
 Amo-te! e embora hoje triste  
 na desventura eu me abysme,  
 um doce preságio diz-me  
 que hei de um dia resurgir.

Seminario de Viseu.

A. Candido Figueiredo.

### CHRONICA

Corria escassa de novidades a segunda semana de ferias, chamada da *Paschoela*, como é escassa de poesia uma página de Waldeck ou uma lei do Digesto. Alguns restos da academia, que por cá tinham passado a *semana sancta*, haviam-se evaporado com os primeiros raios do sol da primavera, e procurado em volta de Coimbra outros logares, onde corresse um ar mais puro e livre, onde o ceu fosse mais azul e estrellado, onde a vegetação se visse desenvolver com mais ardor, finalmente outros logares, onde a natureza se offercesse com mais vida, e a vida com mais amor.

Mais de vinte mancebos academicos reunidos em associação tinham escolhido Soure para theatro de seus recreios juvenis.

Com o fim de passarem mais ameno e deleitoso o tempo, em que a noite, envolvendo a terra nas pregas do seu manto, nos não deixa ler e contemplar o livro da natureza, cujas paginas se desenhavam no matiz dos campos, na limpidez das agoas, no azul dos ceus, e finalmente em tudo que é bello e sublime, haviam ensaiado algumas peças theatraes, que alli levaram á scena nas noites dos dias 1 e 3 do corrente.

Ha muito que nutriamos desejos de visitar Soure; d'êta vez, levados pela curiosidade, e pela opporrtunidade da occasião, que viamos ser excellente, não podêmos resistir á tentação, e montando a cavallo, na companhia de dois bons

amigos partimos para lá. Eram 11 horas do primeiro dia d'abril. Tomando pela estrada de Lisboa. O sol mostrava-se radiante e bello; o dia esplendido; o ceu puro e limpido; os campos bordados de um variadissimo tapete de relva e flores; o ar que respiravamos vinha embalsamado de essencias enebriantes; e finalmente a natureza inteira, enfeitada pelas gallas da primavera, parecia dizer-nos em seus sorrisos festivaes, que por alli era o caminho para um *paraizo perdido*. Chegadós a *Condeixa*, e depois de fazermos os devidos *comprimentos* ao amigo Castella, tomando á direita, a 10 kilometros de distancia, surprehendemos de subito a linda Soure sentada em graciosa postura nas margens do seu Ourão. Ja não havia que duvidar; aquella era a terra paraizial que a natureza nos tinha vindo segredar no perfume das flores, na pureza dos ceus, no esmalte das campinas, e finalmente em todas as gallas com que por toda a parte a enobrecia a rainha das estações. Estamos pois em Soure abraçando a nossos irmãos academicos, que com todo o afan trabalham no ensaio dos seus papeis, para darem nesta noite a sua primeira récita; deixemol-os pois entretidos com tão doce trabalho, e, em quanto se não fazem horas de theatro, vamos dar um passeio pela villa.

Soure é uma terra boa em toda a extensão da palavra desde o *urbs* até ao *civitas*. Os seus predios são regulares e de excellente construção e architectura; as ruas bem calçadas, direitas e espaçosas; os largos amplos, e bem collocados e dispostos; o seu solo regado com abundancia pelos rios Anços, Cabrunças e Ourão, os quaes, vindo alli todos confluir, formam o rio Soure que dá o nome á terra, é vasto, mimoso e fertilissimo. — Mirando-se vaidosa nos tres espelhos, que lhe offercem as cristalinas agoas dos seus rios, Soure tem o seu trono de princeza no meio d'uma extensa bacia, cujo diametro excede talvez mais de 40 kilometros. — Os seus habitantes são joviaes e geralmente obsequiadores. Penhorado para com todos, a quem protestámos ser eternamente gratos, muito principalmente o ficámos para com os exc.<sup>mos</sup> srs. irmãos Mellos; emquanto por sobre a nossa louza sepulchral se não desfolharem as boninas de nossa existencia, jamais esqueceremos um so momento da nossa vida as altas provas de estima e consideração, que tão nobres cavalheiros se dignaram dispensar-nos, e que gravámos, — para so morrerem commosco, — com caracteres indeleveis em nosso coração.

Jamais poderemos esquecer aquelle passeio á linda e pitoresca quinta da Cruz, cuja caza acastellada é sufficiente prova do bom gosto,



com que ss. ex.<sup>as</sup> sabem gozar dos bens que a fortuna lhes prodigalizou, e de que são por todos os titulos tão merecedores: tambem não deixaremos de recordar com saudosa gratidão aquella tarde, em que o exc.<sup>mo</sup> sr. dr. José de Mello mandou que a philarmonica, de que é dignissimo presidente, fôsse tocar á quinta da Madeira, e nem tão pouco esqueceremos tambem a *soiré*, que na noite do 2.<sup>o</sup> dia da nossa estada alli, ss. ex.<sup>as</sup> se dignaram dar — em honra nossa, —

— em sua casa, para a qual convidaram algumas familias particulares, concedendo-nos tambem a faculdade de apresentarmos aquelles de nossos collegas, que quizessem passar uma noite cheia d'alegria e prazer, como aquella foi.

Não podendo deixar de notar aqui a elegancia e boas maneiras com que se souberam apresentar as damas, que alli concorreram, era sobre tudo para admirar o porte magestoso, lhano e delicado da exc.<sup>ma</sup> dona da casa. Os rasgos de franqueza e urbanidade, com que a exc.<sup>ma</sup> filha do exc.<sup>mo</sup> sr. dr. Luiz de Mello recebia a todos os convidados, eram muito para admirar 'numa menina que ainda não conta 15 primaveras. Mas se por suas delicadas e affectuosas maneiras roubava os corações a todos os visitantes, e 'nelles a admiração, a estima e o respeito, não era menos interessante o garbo magestoso e elegante, com que ella sabia apresentar-se 'numa *quadrilha*, nem menos surprehendente o mimo e gosto, com que feria o teclado do seu piano, quando d'elle fazia destacar em torrentes d'harmonia as inspiradas composições de Verdi, e de Rossini.

Entre as variadas peças, que lhe ouvimos executar, maravilhava-nos sobre maneira a que se intitulava *Gorgeios do rouxinol*. Era ella tão bem desempenhada, que por vezes nos chegámos a convencer que aquelles sons eram antes os verdadeiros trinos do plumoso cantor da primavera, escondido debaixo do teclado do piano, que as pulsações das cordas do instrumento: tal era a naturalidade e verosimilhança com que era executada!

E notem que tão aprimorada educação, e qualidades tão nobres e tão raras encontram-se reunidas numa criança, que, além da sua tenra idade, nunca sahio d'aquella terra, nem tão pouco tem tido mestres effectivos, devendo tudo o que sabe ao seu proprio estudo e raro talento. É por isso que ella é estimada pelo avô, estremecida pelo pae, adorada pelo thio, e querida e amada pelo irmão. Deus cubra sempre de benções aquelle portento de virtude, e defenda do halito pestifero a aureola de candura e innocencia, que irradia na frente d'aquelle anjo!

Na 3.<sup>a</sup> noite que alli passámos houve a se-

gunda e última récita, dada por nossos irmãos academicos; levaram á scena a repetição da «Modesta» e pela primeira vez «Feio do corpo, e bonito d'alma». Tanto no drama como na farça andaram bem em geral, merecendo desculpa algumas leves faltas, que não podiam deixar de commetter, attento o pouco tempo que tiveram para se ensaiarem, a difficuldade das peças, e o acanhamento do palco.

Entre outros mereceram-nos menção especial — no drama, D. L. de B. no papel de Capitão — M. F. no papel de marinheiro; e — na farça, D. L. de B. no papel de Crispim, e T. no papel de «Feio do corpo e bonito d'alma». Além d'estas peças recitaram-se muitas poesias, sobresaindo especialmente T. na recitação do *Ginja*, e D. L. de B. na recitação dos «Ultimos momentos d'Albuquerque» por Soares de Passos; e no «Gomes Freire» de Palmeirim.

É pena que SOURE não tenha ainda um theatro propriamente dicto, e se esteja a servir com um theatro-celleiro, onde além de se estar com immenso incommodo pela grande falta d'ar e immenso aperto, se passa pela *sensaboria* de não ver o rosto ás elegantes, que se sentam na mesma bancada, que os cavalheiros, mas em frente de todos; vendo-se assim na dura necessidade ou de torcerem o pescoco, ou de procurarem uma posição caricata e ridicula, se querem deixar admirar o gosto e elegancia das *toilettes*, ou os prodigios de belleza, que Deus lhes estampou nas fronteas, ao envial-as do ceu para aquella terra de encantos e delicias.

Foram verdadeiramente cheias aquellas tres noites, talvez as melhores da nossa vida academica; cheias, mas cheias de sensações enebriantes, opulentas de delicias celestias, e ferteis de effluvios do mais verdadeiro e delirante entusiasmo. Parece que todas as bellas de SOURE (a) se haviam apostado a qual havia de «exibir-se mais formosa na elegancia, mais elegante na belleza, e mais attractiva na simplicidade do seu composto». Divisava-se apenas nesta última noite *um não sei que* de suave tristeza e melancholia na physionomia de todas ellas, que se traduzia pela saudade que ao outro dia ia ficar-lhes, ao deixar a mocidade academica aquelle paraizo de fadas. D'esta vez aquelle recinto parecia vistoso canteiro de mimosas e elegantes flores, que a musa Calliope tinha vindo cobrir com o manto de suas candidas azas, ou que a fada Mab convertêra em paraizo terrestre.

Entre todas ellas via-se principalmente uma, a que um frouxo véo de natural tristeza mal deixava entreabrir as petalas, mas a quem aquelle

(a) Contámos cincoenta!



mesmo ar de costumado ou estudado desdem, que á primeira vista parece antes ter seus visos de orgulho e soberba, tornava mais que todas linda.

Era na bancada esquerda, e ornava-lhe o lindo cabello castanho escuro uma rosa branca collocada a capricho do lado esquerdo. Se a visseis, como eu a vi, melancolicamente recostada sôbre aquella mão vaporosa de neve, diríeis ser o anjo da *paixão* «a expandir mágoas, innocencias, tristezas, saudades, perfumes, que o coração aspira, mas que a alma guarda no sacrario das suas mais intimas recordações».

Se a visseis, como eu a vi, languida como a açucena dos valles, pensativa e amadora como o lyrio dos montes, envolta em candidas vestes de fada similhando o floco d'uma nuvem, dilahieis a flor esmaecida, que nas calmosas tardes do estio chora pelas lagrimas da noite.

Se lhe visseis, como eu vi, a fronte magestosa, como o cedro da encosta, mas melancolica e pallida como raio de lua nova, lá veríeis tambem, como eu vi, as capellas virginaes, que em breve vão trocar-se — inferno! — pelas corôas do noivado!

Formosa como uma estatua de Praxiteles, aquella mulher reune na physionomia as mais sublimes perfeições d'uma existencia typica.

Se é verdade, segundo S. Bernardo — que não ha vida, onde não existe amor — muita vida reinou em Soure, durante os tres dias da nossa permanencia alli, porque o amor via-se transluzir no rosto de todos: e se lá houve muita vida e muito amor, tambem lá ficaram e de lá vieram saudades, que nunca se extinguirão. As que lá ficaram deixavam-se ver nas lagrimas que cahiam das janellas no momento da partida; as que de lá vieram, mostrámol-as nós na occasião solemne da nossa

## DESPEDIDA DE SOURE

### POESIA

RECITADA PELO AUCTOR NO THEATRO

D'AQUELLA VILLA, DEPOIS DA ÚLTIMA DAS RÉCITAS  
QUE ALLI DERAM ALGUNS ACADEMICOS

NA SEGUNDA SEMANA DE FÉRIAS DE PASCHOA,  
ESTANDO TODOS NO PALCO EM TRAJE DE JORNADA

Da patria tem saudades o proscripto;  
A alampada da luz que se extinguiu!  
E a estrella que se perde no infinito,  
Tem saudades do ceu d'onde cahiu!

E a rola se se vae voam com ella  
As saudades da sua solidão;  
Dos amores tão seus, da quadra bella,  
Que lhe encheram d'amores o coração!

O lyrio tem saudades do seu monte;  
Da quadra dos amores o rouxinol;  
E quando o sol á tarde esconde a fronte,  
O dia tem saudades do seu sol.

Pelas tardes calmosas do estio  
Leva a briza saudades do rozal;  
E a violeta se nasce em ermo frio  
Tambem chora saudades do seu val.

E nós, que tambem somos debeis plantas  
Que das letras o sol vem affagar,  
Não hemos de verter lagrimas santas  
Quando um eden d'amor vamos deixar?!

Não hemos ter saudades d'estes dias?!  
D'esta terra?! das flores d'este jardim?!  
D'estas noites tão cheias d'harmonias?!  
Das vossas sympathias... tudo em fim?!

Se pois nos deste — Soure — mil amizades,  
Como terras como tu somente dão,  
Tambem de ti levamos mil saudades,  
Mas escriptas aqui — no coração!

Coimbra, 18 d'abril de 1864.

F. A. Duarte de Vasconcellos.

## EXPEDIENTE

Pedimos aos srs. assignantes desculpa por ter havido alguma demora — que não descuida — na remessa do n.º antecedente: perfazem o maior n.º de nossos assignantes estudantes de Lisboa, Porto, Braga e Castello-Branco, que deviam achar-se em férias, e pelo que receiavamos extravio dos n.ºs e embaraço no serviço.

Lamentámos a indifferença com que leram o aviso do n.º antecedente *aquelles cavalheiros*, que se têm descuidado de mandar satisfazer o importe do primeiro trimestre. — Com bastante mágoa e pézar, nosso lhes repetimos, que não começamos a publicar-lhes ja os nomes neste número por falta de espaço.

Aquelles senhores, a quem faltar o n.º 3.º e o não receberem junctamente com este, queiram ter a bondade de ó reclamar á redacção, que já se acha reimpresso.

Coimbra, 7 d'abril de 1864.

A Redacção da Chrysalida.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.





## UM NOIVADO DE SANGUE

É ella! a noiva! ella a mais formosa;  
Que lindo noivo tão gentil que tem!...  
Os outros dizem que elle é bem ditoso,  
Feliz na posse de tão grande bem.

Almeida Braga.

(Conclusão)

— E o desgraçado D. Fernando? — Perguntou a minha amiga.

— E o desditoso castellão? — Exclamei eu. Fernando chorou por alguns dias a morte de suas doiradas esperanças, e casou, tempos depois, com uma donna muito rica que soube meios de consolal-o com o esplendor do dinheiro.

O castellão, porém, era o pae da suicida; não logrou mais a isenção de lagrimas de sangue; não passou por elle mais um minuto, que não fosse uma eternidade de agonias. Comtudo não succumbiu logo. Dois annos viveu ainda o infeliz e no decurso d'elles, todos os dias ia rezar sôbre a loisa funebre dos noivos da sepultura. No fim d'esses dois annos a morte amerceou-se do desventurado e cortou-lhe o debil fio da pesada existencia.

Depois este castello passou para uns parentes de D. Ambrozio, que nunca se dignaram sequer visital-o.

Que importava aos ricos homens das cidades populosas, os paços acastellados d'estas montanhas?!

Aqui têm em resumo, minhas senhoras, a tragica historia dos donos d'estas ruinas e o final de uma festa, que tantas venturas promettia.

As flores do noivado convertem-se ás vezes em goivos do sepulchro.

— Mas, sr. Vasconcellos, disse eu a rir, — caberá no possivel similhante historia?... Não cabe. O que v. ex.º conseguiu com ella foi provar-nos que tem mui lugubre phantasiar!

Juro-lhe, minha senhora...

— Não jure... Pois como hei de acreditar que dois apaixonados, tão cheios de vida e de bellas esperanças — que nada os impedia de as terem — se fossem apunhalar sem mais *tir-te* nem *guar-te*, manchando um lugar sagrado e cobrindo de lucto e de mágoa uma villa inteira? A sentimental Amelia era então bem hypocrita, bem

má. Seria ella tão *ingenua* que não conhecesse que mais depressa abreviaria a duração de seu pae matando-se, do que contrariando-o? Por que motivo lhe não declarou que amava Antonio de Noronha, e que só com elle podia ser feliz? Porque não supplicou?... Porque não chorou aos pés de D. Ambrozio? Provavelmente para ter o prazer de se matar..

— Outros tempos, outros costumes! Murmurou o sr. Vasconcellos. A fallar verdade, eu tambem não sou lá grande narrador. Talvez não fosse muito explicito no desenvolvimento das scenas ahí esboçadas. A imaginação de v. ex.º supprirá a minha falta.

Isto foi ja conhecido entre um rancho de senhoras, que passeavam por entre as murtas entrelaçadas de silvas e d'outras plantas bravias.

Por fim fomos visitar á capella arruinada do castello uma sepultura, que o sr. Vasconcellos affirmou ser a morada de Amelia e do seu noivo.

Era posto o sol, hora que desperta saudades.

De saudades tinha eu um ramalhete na mão. Lancei-o sôbre a sepultura, e, acompanhando minhas amigas, dirigi-me para casa do sr. Vasconcellos, onde fui mimoseada com um baile inebriante.

Contrastes!!...

Nem as obsequiosas maneiras dos donos da casa, nem as agradaveis conversações, que se agitavam, nem todo o bulicio de tão animada festa me poderam fazer esquecer a narração da tarde.

Mesmo durante a vertigem embriagante das walsas e o perpassar ligeiro das mazurkas me lembrei muitas vezes dos noivos da sepultura!

*Ephigenia do Carvalho.*

## CANTO NO MAR!

Nas aguas dormentes do mar da existencia  
Sonhemos aos raios do frio luar!  
Sonhemos! qu'a mente s'embebe d'imagens,  
E co'essas imagens podemos sonhar!

As brizas vêm cheias de aromas e beijos,  
Sussurram na barca que dorme e descansa.  
Nas azas tem harpas que cantam nos ares  
Martyrio, saudades, amores, esperanza!

Aos doces murmurios das ondas que cantam,  
Que placido sonho! que muzica e flores!  
Aos doces recôrdos do peito que s'ama,  
Que banho de crenças! que sonho de amores!



Desliza a canção, e a voz do bargeiro  
Se funde nos gritos das ondas do mar.  
Que orchestra divina! os uivos das feras,  
E as brizas que passam, nos dizem — amar!  
A lua branqueia na areia gelada!  
A praia é deserta: podemos sonhar!  
Amemos! que a vida desliza entre sonhos,  
Dormindo no leito das ondas do mar.

F. A. Felgueiras (Sobreiro.)

## CARTA PRELIMINAR

Ao meu amigo o Sr. F. A. D. de Vasconcellos

Sr. Redactor.

Tem insistido com tamanha bondade, que não posso deixar de me prestar a aceitar o favor, que me faz, franqueando-me as columnas do seu semanario.

Quem o persuadiria a querer fazer de mim um escriptor, e de mais a mais escriptor publico?! mal acertada escolha! Mas ja que assim o quer *ahi vae*, como diz um dos seus distinctos collaboradores; mas peço-lhe que se não queixe ao depois, se o publico, estranhando a ousadia, envolver no mesmo anathema, o redactor da *Chrysalida*, e o escriptor improvisado.

Depois de me decidir a escrever, precisava saber o que posso escrever: eu não faço versos, apezar de me considerar tambem poeta como os mais homens, mas fica-me a prosa, que hei de aproveitar como poder; a difficuldade agora está em escolher o assumpto; quer que lhe falle no castello *inpreñable* de Vigo, nos amantes de Catharina da Russia, ou no *raboleva* do Imperador da China? Não! estas questões são decerto muito importantes em si, mas creio que não têm cabida na *Chrysalida*.

Não tenho artigo nenhum, que possa apparecer decentemente no seu jornal, apezar da sua costumada benevolencia, sr. redactor; mas espero poder em breve apresentar-lhe algum fructo da minha debil e pouco valiosa penna.

Concluo esta carta, transcrevendo alguns trechos de uma que recebi ha pouco de P... do Sr. Sanct'-Oclud (pseudonymo), meu antigo companheiro de estudo e excellente amigo, que a *Chrysalida* poderá talvez contar ainda no numero dos seus collaboradores.

Transcrevo os trechos na lingua franceza, em que vêm escriptos, porque uma qualquer traducção poderia tirar-lhes o gosto e a graça da originalidade.

A proposito de Byron, diz-me Sanct'-Oclud  
« J'apprendrai à fond la langue anglaise,  
la langue de Byron, ce génie magnifique,  
un des premiers de notre siècle.

au siècle présent il fout une poésie  
réveuse, mélancolique, passionnée, qui jette le  
trouble dans l'âme, qui vouleverse le coeur;  
à mon avis la littérature des notre siècle se  
trouve personifiée dans Byron.....

Fallando da litteratura moderna em geral,  
diz elle:

« J'aime cette poésie âpre et sauvage que nôtre époque a enfantée.....

..... j'aime ce vague, cette imagination fantastique et sombre que l'on trouve dans Victor Hugo, Lamartine, et Musset..... »

Numa outra carta falla-me elle de M.<sup>me</sup> de Staël:

«... quelle sensibilité et quel tact! c'est en vain qu'un homme voudrait l'imiter; la femme est toujours superieur à l'homme par les qualités du coeur; de plus, quand elle égale l'homme en intelligence elle produit des chefs-d'oeuvre que jamais l'homme ne saurait pas imiter: les *Corinnes*, les *Delphines*, peut-être trouvera-t-on que ces deux héroïnes ont au fond le même caractère, qu'elles se ressemblent au beaucoup des points en sorte que ces deux ouvrages pourraient paraître presque la repetition l'une de l'autre; mais, quel génie dans tous les deux, quelle finesse de tact, quel style! quelle manière claire et élégante de démêler les sentiments du coeur les plus cachés!.....

Não cito mais para não augmentar demasiadamente a extensão d'esta carta; acabo aqui agradecendo-lhe, sr. redactor da *Chrysalida*, a sua excessiva benevolencia e delicadeza.

Arimo do C... 21 de março de 1864.

C. B.

## DIVAGAÇÕES

Como « a ociosidade é mãe de todos os vícios, assim a necessidade o é da boa industria. »

Maximas populares.

(Continuado de pag. 125.)

E, se feliz é o povo que professa a verdadeira religião; infeliz o que segue a falsa; não o é menos o que despreza aquella para se dedicar a esta.



Esse, renegando os verdadeiros principios, repellindo, ingrato, a verdade que o illustrava, dará por certo um passo *en arrier* na verdadeira senda do progresso, subtrahindo-se assim a lei da perfectibilidade; e seu proceder sera registado na historia adversa da humanidade pelos outros povos, que indignados o olharão com desprezo e odio.

Verdade seja, que tal retrocesso não sera infringir essa lei eterna, gravada com caracteres indeleveis em todos os séres da criação, quando se estabeleça, ou que a religião não influencia no progresso dos povos, ou que todas as religiões são verdadeiras, e consequentemente poderá-se seguir uma ou outra como meio conducente ao mesmo fim.

Pois bem, toquemõs de leve a questão.

Desmrolemos uma a uma as paginas esmaltadas da historia, que é como a memoria da humanidade, onde vão reflectir-se suas grandes e variadas evoluções.

Estudemos a philosophia do progresso; e acharemos por fim que os principios d'esta são d'accòrdo com os factos d'aquella em admittir — que o cumprimento da lei da perfectibilidade está na razão directa da religiosidade dos povos.

Determinada bem a noção d'essa palavra — progresso — cuja extensão é tão vasta, colheremos sempre, á luz da san philosophia, que o seu fundamento é a fraternidade, que lhe serve como de sol vivificante, cujos raios o fazem desabrochar, e desenvolver-se em todos os sentidos. E, de facto, só quando, armando-se todos entre si, se coadjuvarem na consecução de seus fins particulares, é que a humanidade inteira poderá chegar ao estado de civilisação, ganhando, assim, o titulo de civilisada.

E que ha ahí, que nos inspire a fraternidade, senão a religião?..

So ella; porque so ella manda que não haja distincção alguma entre os homens; que pobre, rico, plebeu e nobre signifiquem sempre o mesmo, embora cá *no mundo* sejam termos coloridos com côres mais ou menos agradaveis.

A historia, por seu turno, confirma nossa asserção com factos bem frizantes.

E, senão, lança um olhar ligeiro sobre a Roma do tempo de Augusto: vêde, que sumptuosidade, que opulencia!.. notae tambem que lhe falta a moralidade, que é para a união social o que a alma é para o corpo; e, faltando ella, as fibras, que formavam os tecidos sociaes, dilaceram-se. Mas esperae.. continuae lendo a historia d'esta cidade famosa, porque a humanidade não pôde subtrahir-se ao rigor das leis

que eternamente a regem; e vereis por fim esse gigante, que outr'ora causara terror ao mundo, a seus pés tantos povos valentes, vergado até o pó da terra, por um bando de barbaros, que, destacados lá do norte, se lançam, como cães famintos, sobre esse cadaver ja em putrefacção!.. e ultimamente ponderae, que terriveis são as consequencias da irreligiosidade d'um povo!..

(Continúa.)

Coimbra, 15 de março de 1864.

A. M. S.

### TALVEZ!....

Talvez as nuvens que o brilho escondem  
Ao meu futuro, se vão rasgar;  
Que o soffrimento dos tenros annos,  
Inda á ventura faça um altar!

Talvez as creanças, tão cedo murchas,  
Possam ainda reverdecer;  
E a dôr intensa que o seio escalda,  
Se troque em risos d'almo prazer!

Talvez a esp'rança, mimo celeste,  
Que entre a desdita se me offuscou,  
Renaça ainda, viçosa e fresca,  
Brote no peito que abandonou!

Talvez ainda que o amor... quem sabe?  
Entre delicias me eleve ao ceu;  
Que eu inda brade com voz segura,  
— O amor nesta alma, nunca morren!

Talvez que ainda pulses, qual d'antes,  
Que inda palpites, meu coração!  
E que a desgraça que eu vejo e temo,  
Seja um fantasma — negra visão!

Talvez que ainda, lá no horisonte,  
Hoje revolto da tempestade,  
Resurja o astrô que eu hei perdido,  
Desponte a aurora da flicidade!

Talvez o manto de triste crepe,  
Em mil pedaços me caia aos pés;  
Que eu inda diga — ventura — esp'rança,  
Em ti eu creio — sombra não és!

Coimbra, Maio de 1864.

Amelia Janny.



me, saiv e de o **SAUDADES!** morrem a morte

que morte o corpo. Ora sendo tão profunda mente diversa a **ACCIPERE DOMUM.**

**D'estes ermos d'aqui, ó minha amada, quem podera fallar-te, meu amor! embora a endeixa triste e a voz magoada, fosse o canto final do trovador!**

Embora as cordas íntimas do peito me estalassem de dor na soledade;... ao menos que o meu canto, amor perfeito, de ti fosse escutado com saudade!..

Saudade, meu Deus, que triste nome aos labios do proscripto vem pôsar! Se eu d'êsta negra dor, que me consome, ir podesse em teu seio descansar!

Se eu fosse, como a nuvem dos espaços, que vae num ponto agora e noutro logo! como eu iria agora aos teus braços matar do coração o ardente fogo!

Iria a toda a parte, se eu soubesse que de lá me enviavas um suspiro, iria nos murmurios d'uma prece pôsar nos labios teus o som que expiro.

Iria... mas p'ra que se um laço estreito o amor em nossas almas ha formado?.. Por ventura não vivo no teu peito, como vive no meu teu rosto amado?..

Quem sabe? Quem me diz se o amor ausente, proscripto de teu peito agora existe?

Oh! lembrança fatal, brado plangente, deixa que eu viva alegre, andando triste!

**J. Simões Dias.**

**A FLOR DA CARIDADE**

(A UMA JOVEN)

Que bella flor, Maria!... Como brilha na grinalda gentil que te circunda!

de risos e de benções tudo innunda, do jardim da innocencia é pura filha.

Olha em roda! — não vês como a porfia t'a bem dizem, t'a cobrem de louvores?

o seu brilho scurece as outras flores. quanto é bella essa flor! não é, Maria?

Pois bém! guarda-a cuidadosa — não a queiras ab'stao entregar! inda nascente!

Nunca vejas no dorso da torrente o sumirem-se-lhe as folhas derradeiras!

**Vive com ella! A flor da caridade,**

quando a mansão do Altissimo voáres, — irá contigo, dividindo os ares, cingir-te-ha ante o Deus da immensidade!..

Oh! conserva essa flor! Sempre eu a veja de benções mil e de louvores cheia!

sempre eu escute os pobres, que da aldeia no adro te vêm passar correndo á igreja

« Olha-a, lá vae ella pressurosa

resar, a mãe dos pobres, na capella

Que sorriso de saneta! Que alma aquella!

É um anjo do ceu! como é formosa!

Seminario de Vizeu, 25 de Janeiro de 1864.

**A. Candido.**

**IMMORTALIDADE DA ALMA**

Bem fracos somos para nos propormos á resolução d'um problema tão difficil, como é o da immortalidade da alma; mas nem porisso deixaremos de levantar a nossa debil e fraca voz contra aquelles, que por toda a parte publicam alto e bom som, que ceu e inferno é uma chimera, que outra vida depois d'êsta não tem realidade.

Collocados entre dois campos, que nos atacam de continuo; d'um lado o materialismo, do outro o scepticismo e o atheismo; os d'aquelle vendo so materia em tudo; os d'este ja duvidando de tudo, ja negando tudo, até o próprio Deus, ficaremos, como christãos, e amantes da sciencia, de braços cruzados, quedos e mudos, em presença d'um e dos outros? Decerto que não.

Pois vamos, quanto couber em nossas forças, proycar a nossa these; e para isso servir-nos-hemos de quatro argumentos, que costumam aduzir-se em confirmação do dogma da immortalidade da alma: O 1.º d'estes argumentos deriva do carácter metaphysico da alma, isto é, de sua unidade e identidade pessoal; o 2.º resulta do carácter moral d'ella, isto é, dos seus direitos e deveres, e da sancção que estes presuppõem além dos castigos e recompensas da vida social; o 3.º é deduzido do conjuncto de suas faculdades, de todas as precisões de sua triplíce natureza e da impossibilidade, em que está de satisfazer-as dentro dos limites d'êsta vida; o 4.º finalmente,



é o que tira toda a sua força das altas ideias de justiça, bondade e sabedoria de Deus; mediante o principio de contradicção.

Temos pois, que a demonstração da immortalidade da alma assenta em 4 provas: — uma metaphysica, — outra moral, — outra psychologica, — e finalmente, outra theologica. Examinemos cada uma d'estas provas por sua ordem.

Vamos á prova metaphysica.

Para que a alma haja de sobreviver ao corpo, força é que seja coisa distincta d'elle. O corpo é um conjuncto, um aggregado de substancias, é um todo collectivo e divisivel, que se compõe d'uma infinidade d'orgãos, e cada um d'estes d'uma infinidade de partes, distinctas umas das outras. Mas a alma, mas o principio a que attribuímos a liberdade, a sensibilidade e a intelligencia, é um so e exclusivo. Em cada um de nós não ha senão um ser unico, uma coisa so que sente, quer e pensa, — funcções estas que a não ser essencialmente um so ser que as exerce, seriam impossiveis:

O corpo além d'isso, isto é, o organismo não tem um so instante em que seja o mesmo. Os elementos diversos que o compõem vão incessantemente passando e renovando-se como a agua d'uma fonte. A alma porém, que tem consciencia do presente, lembrança do passado e precisão do futuro, acha-se constantemente a mesma; e esta permanencia de ser no meio das modificações que passamos, é que lhe dá a ideia de tempo; é que lhe revella o segredo da sua duração e identidade pessoal.

Estabelecida esta differença de natureza, está metaphysicamente resolvida a questão da immortalidade da alma; porque, que nos diz a experiencia acerca da morte? A morte é a simples dissolução dos orgãos, é a cessação nesta substituição d'alimentos, pela qual se conservava e desenvolvia o corpo no estado de vida. Logo, se o corpo morre dissolvendo-se porque é um composto, um aggregado de substancias, a alma que é uma substancia simples não morre, não pôde morrer como morre o corpo, nem coisa alguma nos auctorisa a pensar que ella morra com elle.

Kant na sua critica da razão pura diz, que Deus por um acto da sua vontade pôde aniquillar um ser, que não podera dissolver, pôde matar um ser simples.

Esta objecção de Kant assenta numa chimera, porque presuppõe um genero de morte, que ninguém conhece. O que aqui se tracta de saber é — não, se a alma em razão de sua unidade e simplicidade é absolutamente immortál, — mas se na economia de sua natureza, — se na essencia de sua individualidade ha coisas, que a

forcem a morrer no mesmo ponto de vista, em que morre o corpo. Ora, sendo tão profundamente diversa a sua natureza, em relação ao corpo é absolutamente impossivel comprehender, como a morte, que se opéra pela dissolução de partes, haja tambem ferir a existencia d'um ser que as não tem.

Mesmo, quando se diz que o corpo morre, não se quer dizer, que se aniquilem as substancias, de que se compõe o corpo. O corpo morre quando estas se desprendem do estado de aggregação, em que as tinha a vida; mas é tão difficil comprehender a aniquilação, como a criação de qualquer d'ellas. Ora se o que a experiencia nos mostra por um lado é que neste mundo os corpos se decompõem e transformam incessantemente sem que todavia pereçam quaesquer dos elementos d'elles, como é que havemos de pensar e crer que morra a alma, substancia inteiramente; simples, reductivel, e que tanto se avanta ao corpo?

(Continúa.)

## CHRONICA

Voltemos ainda a *Souré*. Vamos observar os effeitos da chronica passada; ouçamos o que por lá se diz do *chronista*: attenção! nem um sapt! lá ouvi!... coisas incriveis!.. 1.ª que o *chronista* é *aristocrata*; 2.ª que é *historico*; 3.ª que veio apaixonado de lá.

Ah! ah! ah!

Tres aleivosias, ou por outra, tres falsidades que merecem as honras de tres gargalhadas, como as que o *chronista* sabe dar.

O *chronista* não é *aristocrata*, porque veio do pó, jaz no pó e beija com amor o pó em que rasteja. Chamar-lhe pois *aristocrata* é atirar-lhe aos *queixos* com a mais amarga ironia, ou jogar-lhe o sarcasmo mais pungente; porisso o *chronista* responde á 1.ª das falsas supposições com uma gargalhada.

Responde com outra á 2.ª; porque o *chronista* nem é *historico*, nem *regenerador*: é apenas um *nada politico*; e nem mais, por em quanto, lhe convém ser.

Convicções *politicas*, se ja as nutre no peito, não lhe convém por ora propalal-as; mas, que as propalasse, que as identificasse mesmo com as d'este ou d'aquelle partido, que tinha com isso alguém?! Pois não tem o *chronista* liberdade d'opinião, como tem liberdade de religião, liberdade de consciencia, ... e todas quantas liberdades se pössam conceber no espirito do homem?!



Se pois elogiei os srs. Mellos, foi porque não mereceram, e muito pouco disse, pelo receio de offender sua modestia, para o muito que vim penhorado para com ss. ex.<sup>tas</sup> ant. s. d. s. d. s. d.

Não idolatrei a nobreza, nem prestei culto á politica de ninguem. Tributei preito de gratidão aos cavalheiros que me estimaram, honraram e obsequiaram; e, se o fiz, é que entendi, que assim o podia fazer, e não tenho porisso a dar satisfações a *ninguem* de *Soure*, porque durante o tempo, que ahí permaneci, estive numa hospedaria, e não me lembro ter ficado a dever nada a pessoa alguma d'aquella terra, a não ser muita estima e delicadeza, com que todos me tractaram, e que eu creio ter a todos retribuido igualmente.

Para mim ha uma so nobreza — a que é filha d'uma alma nobre e virtuosa como a dos srs. Mellos; não beijei pois os pergaminhos de seus avós; beijei, agradecido, as suas mãos pelos obsequios que se dignaram prestar-me; seria um refinado ingrato, se assim o não fizesse, e a ingratidão é um monstro, que além de detestação me infunde horror!

Ha para mim tambem uma politica so — a politica, que, assentando nos bons principios de moralidade e de justiça, respeita acima de tudo e de todos o principio fundamental da natureza humana — a sociabilidade.

Não era pois allí o lugar proprio para a manifestação de minhas convicções, por que nenhum d'estes principios conheci na politica de *Soure*, que longe de levar os cidadãos á felicidade, á harmonia e coexistencia social, condul-os pelo contrario á facção, á discordia, á desintelligencia, ao retrocesso, e ao misantropismo, porque é uma politica facciosa, discolor, desintelligente, retrograda e tacanha; e uma politica assim não pôde fazer a felicidade d'um povo, porque, que desconjuntando-lhe os membros, tira-lhe a unidade e a força, e esse povo, não podendo então caminhar, por enfraquecido, ou estaciona de todo, ou então por não poder obedecer a um quietismo absoluto, que é o estado antithetico da humanidade, caminha, mas para trás — para o abysmo, e não para deante — para a luz. Eis *Soure*, enquanto os seus habitantes não tiverem coragem bastante para arrancar do seio d'ella o cancro roedor d'uma politica assim, que se a não poder matar de todo, que isso seria quasi impossivel, hade pelo menos por longo tempo, fazer-lhe arrastar uma existencia infésada; porque allí entra politica em tudo; a politica vae ao theatro, acompanha com enthusiasmo phrenetico por toda a parte as philarmonicas (a);

(a) Ha lá duas, cada uma de seu partido.

assiste á *semanaria sancta*; anda conosco pelas ruas, repara a quem tirámos o chapéu, a quem apertámos a mão, e ma força com que a apertámos; observa a quem dirigimos nossos olhares, toma conta na força d'expressão com que os lançamos; a politica vae lá conosco ao baile; não pôs deixa numa *quadrilha*, numa *walsa*, numa *polka*, numa *schotsi*... e finalmente é tão confiada e atrevida, que até nos não deixa sós, quando se falla ao *derriço*... Vejam, caros leitores, que tal é a *politiquinha* d'aquella terra! até o *chronista*, até a *Chrysalida* — pobre insecto — queria apanhar na sua téa d'aranha... Mas d'esta vez falharam-lhe os calculos; para outra vez sera, ja que d'esta não pôde ser; bem se lhe fez a diligencia, mas o *chronista* conhecia-a demasiadamente, e ja ha muito, para-lhe saber presentir a estrategia! — e foi por isso, que, na última noite, em que a philarmopica *historica* se dignou acompanhar os estudantes na sua despedida e agradecimento ás auctoridades, elle tomou a iniciativa, e se poz á frente de todos, (ainda que bem sabia-lhe não competia por não fazer parte da associação dramatica) — para evitar qualquer lapso, que algum de seus collegas podesse commetter na melhor fé e offender assim susceptibilidades, sem nem sequer o presumir. E apesar de tantas cautellas e prevenções, ainda por lá se tem dicto tanta coisa! Louvada seja a politica de *Soure*!

E é pena! porque *Soure* é, como ja dissemos, uma das melhores villas que rodeiam Coimbra; mas não ha formosa sem senão. O d'esta é a sua *mal entendida politica*; se assim não fôsse, *Soure* poderia vir a ser em breve uma terra até de primeira ordem. *Soure* achase hoje ligada a Lisboa e ao Porto pela linha ferrea; á Figueira pelo seu rio, que vae desaguar no Mondego em Monte-mór; e a Coimbra pela linha ferrea, pelo mesmo rio, e por uma estrada de mac-adam, depois de concluido o curto ramal, que tem de a ligar a Condeixa; e além d'isso sendo, como ja dissemos, uma terra fertilissima, tem todas as condições para bem poder prosperar pela industria agricola e commercial, que são sem dúvida as duas fontes de riqueza mais proprias para tornar feliz uma povoação qualquer. Mas d'esta maneira é impossivel a prosperidade d'aquella terra, porque o progresso, que é o resultado d'uma lei geral, não se circumscreve em certos e determinados limites; a sua área estende-se por toda a parte, como o poder immenso de Deus, de que ella é o reflexo; é necessario que a par do desenvolvimento do corpo ande o desenvolvimento do espirito; é necessario que ao lado das artes marchem as sciencias; que



a par do progresso material caminhe o progresso moral. O commercio e a agricultura, sendo aliás as condições principaes, não são comtudo as unicas e exclusivas da prosperidade d'um povo: qualquer. É necessario que o espirito, que é d'uma actividade continua, tenha sobre que a faça actuar nos momentos em que o corpo, alquebrado pelo trabalho, procura o repouso e o descanso. SOURE pois necessita d'um theatro onde o espirito vá recrear-se nas divagações da poesia dramatica, e onde o homem possa aprender a estudar e a conhecer a sociedade, no meio da qual tem necessariamente de viver; e carece absolutamente d'uma casa d'associação, onde, a par d'um gabinete de leitura, haja aquelles jogos, que a decencia não prohibe, nem a boa educação reprova. Alli em conversação amena e familiar hão de extrear-se mais os laços d'amizade e de sympathia, e promover-se a felicidade no seio das familias; mas para o conseguimento de tudo isto é necessario que todos os sourienses se convençam, d'uma vez para sempre, de que uma politica assim não é politica, nem é coisa alguma; e que por isso a devem desterrar d'entre si, acordando todos num so principio e num fim unico — a felicidade commum.

Emquanto á 3.<sup>a</sup> conjectura, que por lá se faz a nosso respeito, so responderemos, que lamentamos que ainda em SOURE se leia um folhetim ou uma chronica de theatro com o mesmo sangue frio e seriedade, com que se lê um artigo de fundo ou um noticiario. Se a avaliar por algumas allusões, aliás as mais puras e innocentes, que fiz na chronica passada, se podesse d'ahi concluir que tinha trazido de SOURE alguma paixão, devia concluir-se tambem que eu tenho tido tantas paixões, como de bellas eu tenho commemorado por esse mundo de chronicas de bailes e theatros; e onde iria ja este pobre coração? Não vejo tão perto, apezar de miópe, que me não conheça a mim proprio! Sei que tenho um coração bem infeliz para merecer as honras d'uma tão nobre paixão, como a que se lhe pretende attribuir; e ainda que uma rajada de demasiado amor proprio, podesse extinguir-me a luz que me mostra tudo isto, Deus me livre de ir envenenar esperanças, de quem outro coração ha tanto se alimenta! Não! Costumado so ao rigor de desapaixoados soffrimentos; affeito so a ver sempre uma traição esconder-se nas pregas d'um sorriso, ja tenho, com o poeta, por muitas vezes bradado:

Eu não tenho na terra os meus amores!  
Alma affinada pelo som da minha  
So existe no ceu! — é nivea estrella!

Mas basta de SOURE.

Voltemos agora a Coimbra. Esta velha preguiçosa e mandriona acordou da sua costumada somnolencia no dia 10 do corrente, porque neste dia o silvo esganicado da locomotiva, que é o port-vois da civilização d'este seculo, veio annunciar-lhe, que o progresso lhe batia á porta a procural-a; ella com ar alegre — d'uma alegria estouvada, despertou do seu somno longo e profundo, e erguendo-se do seu leito de torpor, espavorida e espantada pela presença d'um tão respeitavel e venerando hospede, recebeu-lhe a visita com alvoroço e enthusiasmo de louca. O seu passeio favorito de hoje é para a estação; o assumpto forçado e mais animado de toda a sua cavaqueira é o caminho de ferro; em dias sanctos ou vesporas de feriado os trens particulares e os omnibus cruzam-se continuamente em todas as direcções, e por todas as ruas principaes do bairro baixo.

Nisto, e nesta parte, ja quasi que se parece com Lisboa; mas os seus tão lindos e pitorescos passeios, esses, se não morreram de todo, muito perderam do que valiam. Aquellas poeticas e saudosas digressões á melancolica Fonte dos Amores, á encantadora Lapa dos Esteios, á alegre Fonte do Castanheiro, ao poetico Penedo da Saudade, ao solitario Penedo da Meditação, e aquellas

idas a Cellas,

E as formosas tardes bellas,

Passadas da ponte no O,

trocaram-se hoje pelas idas a Souzellas, á Mealhada, á Aveiro, ás Devézas, á Serra do Pillar,

e finalmente ao Porto.

Hoje diz-se em Coimbra —

— queres vir passear

até ao Porto? — com tanta singeleza, como até

aqui se dizia — queres vir até ao jardim? E se

a leitora duvida d'esta linguagem, pol-a achar

demasiadamente hyperbolica, mas que á fe de

chronista lhe juramos ser verdadeira, venha até

Coimbra, e verá que lhe não mentimos. Cousa

pásmosa! Como o Icaro da Fábula, o homem

transporta hoje não so os seus pensamentos,

mas a si proprio, num instante, d'um polo a outro

polo da terra! Tal é ja o poderoso dominio

do espirito do homem sobre a subjugação

da materia, d'onde elle se esforça por liber-

tar-se! Mais alguns seculos de continuo pro-

gredir, e a humanidade terá talvez tocado o

zenith da perfeição de que é susceptivel, porque

se terá quasi aproximado da perfectibilidade di-

vina, sem comtudo lhe poder tocar sequer. De-

pois?! Depois o seu progresso será o retrocesso,

e d'esta maneira o motu-contino sera talvez a



lei fundamental, que rege os destinos da humanidade.

A academia tem ido mesmo de batina no caminho de ferro até quasi ao Porto; apoiámos a ideia; ja que nos não querem dar um hábito qualquer, que nos distinga, quando d'aquí sahimos para qualquer parte; vá-se então de batina, que é mais commodo e mais bonito; apoiados, rapazes!

Em D. Luiz tem-se-nos moído a paciencia com o *rabo da caçarola*, que ja foi á scena quatro vezes. É ja *rabo* de mais, que ja parece mais *be-xiga* do que *rabo*. A peça — do genero burlesco, é de nenhum interesse, como é geralmente reconhecido por todos: ainda assim tem-se feito valer bastante José Novaes e Apolinario. Tem-se além d'isso tornado de especial interesse os quadros e as vistas do scenario, que são surprehendentes, são obra do sr. Macedo, que pôde chamar-se affoitamente um scenographo de 1.<sup>a</sup> classe. A musica dos côros tambem é linda e mimosa, mas tem sido no geral desempenhada mal por todos. Não nos parece porém que a culpa tenha sido do acompanhamento da orchestra, porque a temos achado nestas ultimas récitas excellente. Mas concluindo, repetimos: tanto *rabo* é que ja aborrece; outra coisa; outra coisa, que não queremos ver sempre o theatro um deserto, porque inda que a peça seja excellente, quando lhe falta a concorrência e muito principalmente pelos camarotes, falta-lhe a vida, e um theatro sem vida converte-se num cemiterio, e um cemiterio infunde-nos aborrecimento e horror. — Houve assembleia geral academica em que se decidiu que se pedisse a S. M. a graça da dispensa d'acto; não nos pertence avaliar o proceder da academia, nem tão pouco se ella por todas as circumstancias merece ser este anno attendida com uma graça tão honrosa; não podemos ser juiz em causa propria; mas se o podessemos ser diriamos ao menos em nosso favor, que não pôde ficar mal ao character do Rei, — que tem felizmente atravessadô um anno so cheio de venturas e felicidades para o seu coração, — dar tambem depois d'um anno, so cheio de trabalhos e fadigas, ao menos um dia repleto d'alegria e prazer a uma corporação que consome os melhores de seus dias, devotando-se á causa do Rei e da Patria.

Aos nossos collegas — á imprensa desinteressada, deixámos o avaliar despreoccupadamente d'uma acção não menos lisongeira para a briosa mocidade academica, que nobre para a alma do Monarcha.

Coimbra, 16 d'abril de 1864.

Duarte de Vasconcellos.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Recebemos, agradecemos e recommendámos as *Estréas* — um volume de prosa e verso pelo distincto academico do 5.<sup>o</sup> anno juridico, o sr. J. M. da Cunha e Seixas: é um livro bastante curioso e instructivo, principalmente na parte — prosa.

Vende-se em Coimbra nas livrarias do costume.

## SOL Á SOMBRA

Com este nome acaba de sahir do prelo, e vende-se nas principaes livrarias de Coimbra, Lisboa e Porto, um pequenino poemeto do sr. J. Simões Dias. O joven poeta, que cultiva com continuo afan e ardor a mimosa flor da poesia, além d'este livrinho publicou ja o anno passado o *Relicario*, e tem ja para publicar no anno seguinte um lindo drama — *A Mão de Deus*. — Tenciona celebrar cada anno da sua vida academica com uma nova producção.

A acção que elle teve em vista narrar neste poemeto, é uma acção verdadeira, e que teve existencia real, o que tornou o livro muito mais interessante pela verdade do assumpto.

Isto e o nome de seu actor basta para tornar o livro bastante recommendavel.

## NOVO JORNAL

Tracta-se da publicação d'um novo jornal — *A Independencia nacional* — que sahirá semanalmente. É devido á iniciativa d'um mancebo que se dedica do coração á cultura das letras e á defesa das ideias de nacionalidade.

A ideia e a empreza merecem coadjuvação.

## A Um estudante albicastrense

Agradecemos a mimosa e linda poesia que fez favor de nos enviar, e participamos que, se a quer ver publicada no nosso jornal, tenha a bondade de nos mandar o seu nome, em carta fechada, reconhecido por tabellião, pois que não publicámos tão bons escriptos sem reconhecermos a authenticidade d'elles, para obstar qualquer concurso de pretensões que possa dar-se.





## PERDÃO D'ACTO

A academia de 1864 desejando conservar o direito, que nunca foi negado, quando noutras eras se achavam em eguaes circumstancias os seus antecessores, usando das garantias que lhe confere o governo constitucional, foi, não ha muito, pedir ao throno uma graça, com o respeito deydo á soberania. Com as solemnidades do estylo, se nomeou uma commissão composta de cinco membros para ser a intérprete dos sentimentos da academia unanime sôbre o perdão d'acto.

A petição foi formulada nestes termos.

### Representação academica

Senhor!

Ha no evangelho social um artigo, que, exigindo respeito ao Chefe do Estado, impõe a obrigação d'amor pelo Rei.

Nem a obrigação tem sido esquecida, nem a exigencia olvidada.

A nação olhá para o Chefe do Estado como para a Providencia, que, no seu constante velar, protege a independencia, a fôrça, a industria, o commercio, a sciencia — as rodas do machinismo social, o desinvolvimento intellectual e material do paiz. É por isso que a nação inteira festeja sempre a feliz nova, de que no jardim dos reis desabrochou flor mimosa, que, propiciada por Deus, virá mais tarde a ser o herdeiro da corôa de Portugal: — fácil de supportar, se o bem-estar nacional é o horisonte do Chefe do Estado: pesada, se for esquecido. É por isso que sempre se festeja a appareção d'um novo Moysés, mandado por Deus a fazer respeitar o decalogo nacional.

A 16 de setembro de 1837 nasceu o primeiro filho da virtuosa Mãe de Vossa Magestade: todos confiaram que o neto seria a continuação da ideia do avô, transmittida na educação pela Mãe. Exultaram as artes, presentindo

o impulso que a mão do rei lhes daria; folgaram as sciencias pelo amplo desinvolvimento, que esperaram dever á intelligencia robusta do sabio Rei; as liberdades publicas postaram-se alerta, antevendo receber a maior garantia possivel, que lhes podia dar um Rei, predestinado a entender a verdadeira missão constitucional. E a sua aspiração realisou-se.

Foi neste anno, Senhor! que a Mãe de Vossa Magestade, sempre lembrada entre nós, mostrou até onde pôde chegar a alegria da Mãe que pela vez primeira sente nos labios o calor do osculo filial; foi então que deu o exemplo de dedicação pelos filhos, mandando-os para o seio materno a gosarem da bonançosa vida da familia — elles, que peregrinavam, havia 8 mezes, por terra isolada de affectos de pae e mãe.

Foi, por que comprehendeu, sentindo, o amor de mãe: foi, porque viu no riso do Senhor D. Pedro V a resposta que a natureza põe nos labios do filho ao *amo-te* da mãe: foi por querer a denominação de Mãe extremosa por todos que bem comprehendessem o fundamento da graça régia.

A Carta de Lei de 9 d'abril de 1838, traduzindo o costume, nunca interrompido desde o primeiro fundador d'esta Universidade, foi a repercussão da alegria sentida pelos academicos de 1838; foi o echo do júbilo que no coração da Mãe fez a dedicação expansiva pelo filho.

Era a virgem das graças que vinha habitar entre elles; era a atmospherá pura da primavera substituindo o frigidó inverno d'uma longa separação.

Era luz ao pe de treva.

Surge á vida o príncipe D. Carlos; beneficia Deus Vossa Magestade com o sublime dom da paternidade: no Seu livro ha mais o nome de duas almas paternas representadas no indice por um anjo, laço d'amor d'essas almas ja coadunadas nesse amor: planta Deus no coração paterno semente, que, cultivada, sera árvore de amena sombra, onde Vossa Magestade irá repousar da fadiga da governação pública.

E a vida sera esquecida; o dom rejeitado; o anjo expulso; o laço quebrado; a semente miurrada; a árvore cahida; e a sombra deixada?

Não; a Mãe de Vossa Magestade no exemplo traçou leis que ainda vigoram.

Vemos todos uma vida a expandir-se, e todos psalmodeiam, para que nos não seja roubada. Herdeiros das tradições, usos e costumes passados, ao Rei entoámos um cantico; ao Chefe do Poder mandámos uma prece — EXEMPÇÃO DA ÚLTIMA PROVA PÚBLICA QUE O ESTUDANTE DÁ NO FINALISAR DO ANNO.



«Não pedimos perdão de sciencia, Senhor!

Os ouvidos do Rei são surdos a taes rogos: ja o sabemos. Do coração do academico não partem pedidos baixos: sabe-o quem conhecer a bandeira, que seguimos. A synthese do acto não destroe a prova analytica de oito mezes. Quarenta e oito horas, Senhor! não annullam todo um passado de gloria. A nossa sciencia está formada; falta-lhe o ponto final. A sua escusa é o que pedimos. Foi este ponto que a Filha de D. Pedro IV, por sua régia munificencia, concedeu aos academicos de 1838.

E nós, Senhor! esperaremos pelo praso fatal?! E D. Carlos não lembrará ao Pae a graça concedida pela Avó?! E a academia d'hoje não sera tão dedicada ao Chefe do Estado, como a academia passada?!

Uma prece ao throno nunca ficou em silencio. Não é perdão que pedimos! aqui não ha reu. Pedimos graça: —VOAR DEPRESSA AO CENTRO DA FAMILIA PARA JUNCTOS ORARMOS A DEUS PELA DILATAÇÃO DAS VIDAS DO REI E DA RAINHA DE PORTUGAL; PARA O CEU DEIXAR CAHIR ORVALHO BENEFICO SÔBRE A EXISTENCIA TÃO CARA E TÃO NECESSARIA DO PRINCIPE D. CARLOS.

Coimbra, abril de 1864.

*Joaquim Jose Maria d'Oliveira Valle.*

*Pedro Victor de Sequeira.*

*Casimiro Antonio Ribeiro.*

*Henrique de Bessa.*

*Manuel d'Oliveira Chaves e Castro.*

Ao sr. Ferrer, reitor, da nossa universidade nomeámos procurador em Lisboa. Recebido o nosso requerimento, respondeu-nos com a seguinte

### Carta

«Ill.<sup>mo</sup> Sr. — Recebi a estimada carta de v. s.<sup>a</sup> e de seus illustres Collegas da Commissão com a representação em nome da *nossa Academia*, para obter perdão d'acto.

«Hontem appresentei-a ao ministerio do reino; e, como *bom procurador*, ponderei a favor d'ella tudo, quanto a *minha intelligencia me suggeriu*. O Duque prometteu decidir em poucos dias esta pretensão. Provavelmente ouvirá o Conselho de ministros. Veremos o que decidem.

«Sou com muita estima e consideração — De v. s.<sup>a</sup> — Am.<sup>o</sup> cr.<sup>o</sup> aff.<sup>o</sup> e mt.<sup>o</sup> v.<sup>o</sup> — Lisboa 24 de Abril de 1864 — *Vicente Ferrer Netto Paiva.*»

Em vista dos esforços, que o sr. Ferrer diz ter empregado, e em vista do modo como foi

formulado o nosso requerimento, em vista das justissimas razões que allegámos, em vista do silencio do governo sôbre o que por direito nos competia (pois que sabendo elle quaes eram as esperanças da academia sôbre o perdão d'acto, as não havia desmentido), parece que não havia ou não devia haver myopes, que em nós não vissem a razão e a justiça: mas infelizmente para Portugal houve-os: digo, para Portugal, porque os homens que nos regem foram os que lavraram isso que por ahi se estende. Ouçam:

### Portaria

«Tendo sido presente a Sua Magestade a representação dos estudantes de Coimbra, pedindo exempção de fazer actos no actual anno lectivo, graça que os mesmos alumnos sollicitam em comemoração do nascimento de Sua Alteza o Principe Real, o Senhor D. Carlos.

«Considerando que os mais gratos testemunhos de respeito, que a mocidade esperançosa da Universidade pôde dar pelo feliz natalicio do Principe Real, são os exemplos de aproveitamento nos seus estudos, e todas as demais provas de que serão dignos um dia, ao entrarem na vida pública, de merecer a confiança do Rei e da Nação;

«Considerando que da exempção dos exames nunca resultam para os estudantes verdadeiras vantagens, senão graves inconvenientes, por que os bons folgam sempre de dar provas públicas da sua aptidão, para justificarem o direito que possam ter ás condecorações academicas; e os incapazes de dar essas provas, tendo de transitar para os annos ulteriores de seus cursos, ver-se-ão depois nos actos d'esses annos na impossibilidade de dar conta de si em consequencia da ligação das materias dos cursos, sendo dos mais graves resultados uma reprovação 'nessas circumstancias, porque quasi os impossibilita de se rehabilitarem por causa do grande número de disciplinas, que são obrigados a estudar;

«Considerando que a concessão da dispensa dos exames dos alumnos da Universidade seria uma excepção, que os collocaria 'numa situação menos airoza ao lado dos alumnos dos outros estabelecimentos litterarios e scientificos, que não pediram tal dispensa;

«Considerando que sendo o requerimento assignado apenas por cinco estudantes, sem a declaração de representarem a academia nem serem delegados d'ella, se mostra que o pedido a que se refere o mesmo requerimento deixa de exprimir o voto não so da maioria da academia, mas nem sequer d'uma parte importante d'ella,



podendo deduzir-se d'este facto que a academia em geral reconhece o anachronismo d'uma medida contrária aos verdadeiros principios de instrucção;

«Considerando, finalmente, que a excepção dos actos é uma dispensa de lei, que não cabe nas attribuições do poder executivo: Ha por bem o mesmo Augusto Senhor mandar declarar, que não póde ser concedida a dispensa dos actos, requerida pelos supplicantes.

«Paço d'Ajuda, 25 de Abril de 1864. — *Duque de Loulé.*»

Não fazemos commentários: os jornaes da localidade pouparam-nos esse trabalho para nós tão penoso. Como, porém, se não encontram neste documento razões que destruam o fundamento da petição academica, foi dirigida ás côrtes por intermedio do sr. Thomaz Ribeiro esta nova

### Representação

«Senhores deputados da nação portugueza: — A academia de Coimbra, reunida em assembleia geral, no dia 18 do corrente, constituimos em commissão, a fim de que implorassemos de Sua Magestade a graça de dispensar-nos da última prova dos nossos trabalhos academicos. Pediamos esta graça em commemoração do fausto nascimento do principe herdeiro da coroa de Portugal.

«É a vós, senhores deputados, que nos dirigimos hoje. Quando recorremos ao poder executivo, não ignoravamos, que era a vós que deviamos requerer. Esperavamos, porém, que o govêrno, tomando em mão o nosso pedido, vol-o apresentasse como de iniciativa sua.

«Esperavamos que não tivesse d'vida em reconhecer, como representantes da academia aquelles, que a esta haviam merecido tão alta honra, pois que, quando uma outra commissão cumprimentava aqui Suas Magestades, nenhum dos membros do actual govêrno se lembrára de pedir aos representantes da academia o seu titulo de procuradores.

«Esperavamos, enfim, que se o govêrno entendesse, que Sua Magestade era incompetente, não affrontasse com considerandos de todo o ponto inúteis a commissão que se lhe dirigira, e a academia que ella representava.

«A vós, pois, senhores deputados, em nome da academia, que nos constituiu de novo seus representantes, pedimos que se nos faça justiça, e reconheça o nosso direito; o nosso direito, sim, porque é costume não interrompido desde o fundador d'esta Universidade, o conceder dis-

penza da última prova dos nossos trabalhos academicos, pelo nascimento do herdeiro presumptivo da coroa.

«No tempo do govêrno absoluto, faziam os monarchas, que tinham então poder legislativo, esta concessão; e no tempo do govêrno representativo, que felizmente nos rege, ainda ella foi ratificada pela Carta de lei de 9 de abril de 1838.

«Senhores deputados: a academia de Coimbra não despreza, nem descarta o estudo e a sciencia; a academia, nascida no meio das ideias civilisadoras e progressista do seculo actual, estima e preza a illustração como mobil do verdadeiro progresso. Mas a academia, conscia da sua dignidade, não quer ver seus brios offendidos e seus direitos prostergados.

«Assim esperamos que vós, os sacerdotes do santuario das leis, não sereis surdos aos brados da justiça que sollicitamos.

«Coimbra, 29 de abril de 1864. — *Joaquim José Maria de Oliveira Valle — Pedro Victor da Costa Sequeira — Casimiro Antonio Ribeiro — Henrique de Bessa — Manuel de Oliveira Chaves e Castro.*»

No dia 30 do mez passado a academia partiu para o Porto a fim de evitar alguns conflictos, que poderiam ter logar com a tropa, que para aqui foi mandada (não sabemos para que!).

Todos os dias têm partido academicos para o Porto, e os que ficaram em Coimbra, porque as suas circumstancias os obrigaram, assignaram hoje o seguinte

### Manifesto

«Irmãos: — Applaudimos a vossa heroica resolução. Não vos acompanhamos com os nossos corpos, porque circumstancias embaraçosas nos retêm em Coimbra; mas nossos animos, nossos votos, nossas sympathias estão convosco. Correnos nas veias o mesmo sangue, que são os mesmos brios, o mesmo pundonor, e a mesma honra. Não precisaes ahi da força de nossos braços: portanto, aos que vos não seguiram, ninguém poderá chamar invalidos ou covardes. Temos todos a mesma altivez d'alma, a mesma energia de vontade, e uma interrupção d'algumas leguas não dá quebra a esta grande solidariedade moral.

«Quando uns fanaticos arrancaram dos punhaes contra Cezar, este offerecia o peito, cobrindo a cabeça com o manto, para não ver os rostos dos assassinos afeiados por villan ingratição.



Seja a nossa attitude a do grande romano.  
Conservemo-nos quèdos e serenos, e tapemos  
os olhos, em quanto esses que vilipendiaram a  
academia, tiverem levantado sòbre ella a arma  
do escarneo e da injúria.

Esta será a nossa resistencia ja que outra  
nos è impossivel.

O mesmo golpe que descarregarem sòbre  
vós aqui o aparámos.

Podeis manifestar a todo o paiz este jura-  
mento, que prestámòs em vossas mãos.

Os abaixo assignados adherem às vossas in-  
tenções e aos vossos actos, e prostam-se a com-  
partilhar convoscò todas as consequencias ainda  
as mais funestas.

(Seguem-se as assignaturas).

Aqui poucos academicos estão, e esses poucos  
esperam com anciedade as medidas do govérno,  
que parece mudo á causa da academia!

(Continua)

### CONFISSÃO DE UM LOUVELACE DA BORDA D'AGUA

LOUVELACE

Meu padre, eu tenho  
D'amores cinco;  
Com tôdas brinco  
Sem ter amor.

Eguaes protestos  
A todas faço;  
Meu peito è aço  
Não sente ardor.

Finjo transportes  
Apaixonados;  
Ternos cuidados  
Finjo tambem.

Com tudo isto  
Eu me entretenho:  
Padre convenho  
Amar ninguem.

PADRE

Meu filho, è isso  
Grande peccado;  
È ser malvado,  
È enganar.

Talvez um dia  
Sejas punido:  
O deus Cupido  
Se ha de vingar.

Negros ciumes  
Accendes nellas;  
Feias e bellas  
Eguaes te são.

Por toda a parte  
A rêde lanças;  
Nunca te canças  
Da vil traição.

LOUVELACE

Meu genio è esse;  
Nasceu commigo;  
O tal castigo  
Não sei temer.

Amor è sonho  
Que dá tormento:  
Meu pensamento  
È so prazer.

Affecto, zangas,  
Depois ternuras;  
Que as imposturas  
São gostos meus:

Soffrer amante  
So meia hora:  
Paixão agora,  
Dopois... adeus.

Meu filho, attende  
Ao meu conselho:  
D'um padre velho  
Vêrdade vem.

Olha o que digo,  
Respeita as damas,  
Se è que te chamas  
Homem de bem.

Procura a noiva,  
O casamento:  
Finda o tormento  
Do seu lidar.

A borboleta,  
Que as flores beija,



Também deseja  
Por fim pôsar.

LOUVELACE

Que dizes, padre,  
Ver-me casado?!  
Ter a meu lado  
Uma mulher?!

A variedade  
De mil cada anno  
É doce engano  
Do meu viver.

Adeus, meu padre,  
Tantos conselhos,  
Que de joelhos  
Ouvir-te vim,

Não me convencem:  
Mulher é pouco  
Por todas louco,  
Todas p'ra mim.

Lisboa... 1863.

Clotilde.

Pobre é ainda o homem, que  
sobre a cabeça tem tres coroas,  
quando nellas se não ve engas-  
tado o diamante da virtude.

...

O Principe e Monarcha da terra, que veste a purpura, que empunha o sceptro da realesa, que estende o dominio por sobre as vastas provincias, de que se compõe o seu reino, não, não é ditoso, não encontro nelle a felicidade; alli mesmo sentado em seu throno mui subido está sujeito ás privações da vida, aos trabalhos, ás enfermidades, e á morte. Menos ainda são ditosos os ricos do mundo, que vivem nos mimos do fausto e da grandeza, que esses mimos são leves e passageiros, desapparecem como a sombra da noute ante os doirados raios do sol, fogem, como o sulco do navio la na vasta amplidão do mar. Nem alfim são ditosos os que o mundo chama ditosos; o sentimento da dor lhes vem quasi sempre apos as grandes alegrias; muitas vezes do fastigio da grandeza e elevação, em que vivem, são impetuosamente arrastados ao abysmo da miseria.

Eu na terra não encontro felicidade.

Dos botões d'alegria, que desabrocham no ri-

goroso clima da vida, poucos são, os que abrem em flores, sem que a dor e o tormento os façam murchar e seccar.

A historia, esse espelho fiel, que nos põe á vista todas as feições do triste quadro da vida bem plausivel apresenta esta verdade. Cesar no meio de tantos triumphos, cingindo a fronte activa com os verdes loiros de tantas victorias; é barbaramente apunhalado no senado. O filho de Jupiter Amon, que aspirava á conquista do mundo inteiro morre miseravelmente num banquete. Napoleão, o maior homem na guerra acaba os ultimos dias, repassado de dor e de amargura no rochedo de S. Helena.

Felicidade! palavra cheia de illusão e de vaidade, onde está o que tu significas? Cuidei lançar-te a mão, e achei-me com uma sombra: procurar-te ca na terra é resistir aos decretos de Deus; é querer usurpar um direito do ceu. Tu és, felicidade, a mimosa almofada prometida aos espiritos cansados de viajar neste valle, e sobre que todos elles têm de repousar eternamente. (Continúa).

Coimbra, 27 d'abril de 1864.

A. Ribeiro.

## A VIDA

AO MEU AMIGO M

J. A. X. de Magalhães

Così trapassa al trapassar d'un giorno  
Della vita mortal il fiore è verde;  
Ne perchè faccia indietro April ritorno,  
Si rinsiora ella màs ne si rinverde.

Tasso.

A vida, amigo, é um ligeiro sonho  
Que a morte em breve vem fazer cessar;  
Assim se apaga no porvir medonho  
Esse luzeiro que se viu brilhar!

Oh! sim! a vida é so de encantos cheia,  
Quando uma esperança nos afaga e luz;  
Porém la cede; e a final baqueia  
Ao péso ingente d'uma acerba cruz!

A esp'rança morre, fuge-nos a crença,  
Vem o cynismo o coração gelar!...  
E essas venturas em que o homem pensa  
Negra desgraça as faz então murchar!...

D'essas falazes illusões d'outr'ora  
Não resta ao homem ja nem uma so!



A flor da vida ao despontar da aurora  
Ainda brilha; mas á tarde... é po!...

Volvem os annos, e na fronte traçam  
Profundos sulcos que dizem — vivi!  
Partem-se os vinc'los que a existencia enlaçam  
Sella-se a morte com um — jaz aqui!...

P. Augusto.

A lingua portugueza abunda em annexins mui significativos, decentes, e joviaes, mais que outra nenhuma nação.

Estes annexins, ou termos extravagantes tem tal connexão entre si, que d'elles se podem formar longos discursos, sem que nelles se encontre o menor resalbo da baixaza, que vulgarmente se lhe nota, quando são mal proferidos, e mal applicados pelo povo. A escolha, e a judiciousa coordenação, que d'elles fez um litterato para tecer um elogio a Lord Wellington, figurando uma carta dos habitantes do Vimieiro, é uma prova d'esta asserção. Dizem que aquelle Lord a vira, e a applaudira muito, e particularmente pela impossibilidade de ser traduzida em outra lingua.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Depois que V. Ex.<sup>a</sup> fez ir de escantilhão para França o fanfarrão Junot, tendo-o posto em papos de aranha nos campos do Vimieiro: depois que V. Ex.<sup>a</sup> fez sair com vento de baixo ao ladino Soult da cidade do Porto, fazendo visperre, e com as calças na mão para Castella; depois que V. Ex.<sup>a</sup> disse ao Zanaga Massena, alto la Sr. S. Macario; e jogando o jogo dos sizudos lhe mostrou as linhas com que se cozia, fazendo-o dar ás trancas, e apanhar pes de burro, por ter dado com as ventas num sedeiro: depois que V. Ex.<sup>a</sup> fez ir de catambrias a Berrier da Cidade de Rodrigo, e ao caxolla Filippon limpar a mão á paredê em Badajoz, como quem diz faça que me não viu; e tendo estado tem-te Maria não caias: depois finalmente que V. Ex.<sup>a</sup> nos campos dos Arapiles zas traz nó cego desasou o mancabusio Marmont, e o obrigou a contar a sua derrota, pá pá Sancta Justa, tim tim por tim tim; foi então, Ex.<sup>mo</sup> Sr. que nós os pes de boi, pertuguezes velhos, dissemos, este não é General de ca ca ra ca, tem amoras, não faz cancaburradas, não deixa fazer-lhe o ninho atraz da orelha, e como prudente accommette umas vezes, e outras põe-se na con-

serva; agora podêmos dormir a somno solto; o nosso medo está nas malvas; a vinda do inimigo sera dia de São Nunca á tarde, no entanto só resta agradecer a V. Ex.<sup>a</sup> a visita que nos faz, que desejámos não seja de medico, nem com o pe no estribo; devendo saber V. Ex.<sup>a</sup>, que estes desejos não são embofias, nem parolas, que leve o vento; mas sim ingenuos votos de corações agradecidos e leaes, sôbre os quaes tem V. Ex.<sup>a</sup> erguido com tanta justiça um throno d'amor e respeito.

De V. Ex.<sup>a</sup>, etc., etc.

## TRAVIATA

Inda ha pouco trajavas, innocente,  
As brancas vestes, a grinalda olente

De virgem que tu eras:

Inda ha pouco o pudor de teu semblante  
Fazia-te vermelha; eras infante  
Cheia de mil chimeras.

E agora, mulher, ves inodoras  
As flores da coroa que hoje choras  
Na pallidez da orgia.

Mareaste essa perola brilhante  
Do ceu do teu futuro radiante  
Que hoje choras, Maria!

Oh! chora! que éstas lagrimas são puras!  
Tu veras que no fel das amarguras  
O pranto extingue a dor,  
Muitas vezes a flor, cedo mirrada,  
Co' os orvalhos gentis da madrugada  
Toma novo frescor.

Não ves no lodo a perola escondida?  
Póde a chuva fazel-a mais hizada,  
Como estrella no mar.  
Depois do estio, refloresce o prado.  
Depois da chuva o ceu mais azulado  
Se parece mostrar.

O mundo te formava mil chimeras  
Nos doces sonhos teus das primaveras  
De um amor ideal!  
Tremeste — de vertigens inflammada:  
Dêste ao prazer da noite, arrebatada,  
Teu pudor virginal!

Maria, porque assim perdeste o trilho  
Do teu viver sem mancha? astro sem brilho,  
Onde extinguiste a luz?



Agora és um' alampada apagada!  
Uma concha vasia arrebatada  
Pelas aguas azues.

Ave, — perdeste da virtude o ninho!  
Na taça d'hydromel provaste o vinho  
Qu' embriaga o sentir.  
Mordeu-te o seio — o verme dos prazeres!  
Findando a festa os ultimos tangeres,  
Negreceu teu porvir.

Ó Maria, tu tinhas o futuro  
Cheio d'estrellas, no brilhar tão puro  
O astro da 'sperança...  
Tu eras hontem borboleta em flores;  
Julieta depois — sentindo amores...  
Eras hontem creança!...

Tudo perdeste no seguir de um sonho  
D'imagens, d'harmonias, tão risonho  
D'encantos ideaes!  
Tu foste como planata perfumada  
Qu' arrancaram do Eden, e foi plantada  
Em quentes areas.

Mancharam-te os roupões da infancia tua!  
Magnolia, se abrindo á luz da lua,  
Desprendeste um sorrir.  
Creança, tu trocaste os veus macios  
De tua infancia, pelos veus sombrios  
Das noites do porvir.

O berço da innocencia foi manchado!  
Pomba, és abutre: anjo, és transformado  
Em phantasma de ouro.  
Tinhas azas, tens garra; flor sem mel,  
Virgem sem c'roa, Ophélia no bordel  
Amor — sem seu thesouro.

És um' harpa sem musica sonora!  
És como a rosa, que nasceu n' aurora  
Sem perfume e sem cor.  
Botão mirrado no viçor do seio!  
Tu perdeste, bebendo o copo cheio,  
A alma de beija-flor.

Teu passado, Maria, é um cemiterio,  
Onde jazem sepultas no mysterio  
De outr'ora as illusões.  
No futuro não tens uma esperança!  
E o presente é o desejo que te cança  
No gôzo das paixões.

Um sacrario sem fe — eis teu futuro!  
Mas sem ella o presente é sempre escuro,  
Como a noite sem luz.

Maria, és um thuribulo suspenso,  
Sem perfume, sem fogo, sem incenso,  
Nos braços de uma cruz!

Chora, e tu serás pura — arrependida! —  
Faze como a açucena, que, pendida,  
Para o chão s'inclinou,  
Golpha prantos do seio avelludado,  
Magdalena chorou o seu passado,  
E seu pranto a salvou!

F. A. Felgueiras (Sobrinho).

## ASPIRAÇÕES

Permitte que eu pouse a fronte  
sobre teu eburneo seio;  
eu quero sentir o anseio,  
que d'elle brota: sem medo  
eu quero saber se o fogo  
da teu amor se insinua,  
bem como um raio de lua  
no macisso do arvoredo.

Com teus cabellos dourados  
a pendida fronte enrama,  
deixa-os depois como a fama  
voar ao grado do vento:  
quero saber se os cabellos  
de tuas tranças formosas  
são asas mysteriosas,  
que elevam meu pensamento.

Descerra teus puros labios,  
quaes duas fitas de lume;  
da tua boca o perfume  
me embriagues; pois desejo  
penetrar no sonho d'alma  
que agita a tua existencia.  
Gentil irman da innocencia  
oh! revelam-o 'num beijo!

Os labios teus me pertençam,  
colla a tua face á minha,  
diz «amor» como a andorinha  
«adeus» diz á selva amena:  
quero saber se este nome,  
nos meandros do meu peito,  
penetra, como 'num leite  
de relva, a fonte serena!

Porto, 17 de Março de 1864

F. M. de Sousa Viterbo.



## AMIZADE

Ao meu amigo e companheiro do collegio  
Flauzino de Castro

De Milton como o Adão, no terreo paraizo,  
feliz fui, aspirei as fraganeias do amor.  
Breve tudo perdi... de virgem um sorriso  
nunca mais me raiou entre as sombras da dor.

Amante, sem que o anjo alado dos meus sonhos  
me venha 'inda sorrir, e ao peito me estreitar,  
nas aras da amizade os meus dias tristonhos  
vão, co'a esp'rança no ceu, doce conforto achar.

Seminario de Vizeu, 26 de Janeiro de 1864.

A. Candido.

## SALVA-ME!

Vivem as rôlas na selva:  
as aves na solidão:  
os roxos lyrios nos valles  
vive o amor no coração!

O fogo vive nas chammas  
vive a rosa entre os abrolhos  
so eu não vivo um momento  
longe da luz dos teus olhos!

E tu bem sabes que a vida  
nasce onde medra o amor!  
como a luz nasce das chammas  
e da seiva nasce a flor!

Eu sou como a luz, que morre,  
se em ti a chamma faltar;  
sou como a rosa que murcha,  
se a minha esp'rança murchar!

Mas tu meu anjo, que matas,  
pódes tambem dar-me a vida,  
e direi que, estando morto,  
fiquei vivendo, querida!

Pseudo-Petrarcha.

## CHRONICA?

Os acontecimentos de Coimbra são ja do do-  
minio do público; porisso não nos deteremos  
apreciando-os.

Os estudantes actualmente no Porto calculam-

se para cima de 600. Não hão de ser 600 vi-  
ctimas, creiam-nos, mas 600 bravos, que hão  
de mostrar ao paiz com o seu proceder o quanto  
póde a justissima causa que defendem e que os  
justifica.

Tem havido todos os dias assembleias no thea-  
tro academico para se ponderar bem a côr que  
o estado academico vae tomando de dia para  
dia. O redactor d'este jornal participa la de ao  
pe dos seus irmãos (do Porto) que as secções  
la correm placidas, e que é muito lisongeiro o  
estado da academia. Estou que nunca aquellas  
esperanças se desvanecerão, porque a verdade  
costuma triumphar de tudo.

Mudemos de assumpto.

O redactor responsavel d'este jornal recebeu  
uma carta d'uma ex.<sup>ma</sup> anonyma de Soure, no-  
tando-lhe um êrro typographico que escapára  
no número anterior. A pressa com que elle teve  
de alistar-se no número dos nossos irmãos que  
foram para o Porto não lhe permittiu respon-  
der. Saiba desde ja a amavel Sourense que  
aquelle 18 devia ler-se 8, êrro que so podia ser  
typographico: entretanto estimámos o ter appa-  
recido o tal 18 para termos o gôsto de receber  
a carta de s. ex.<sup>a</sup>! Quando regressar o sabio re-  
dactor d'este jornal, responderá melhor a v. ex.<sup>a</sup>

## À última hora

A academia que se achava no Porto vem re-  
gressando a Coimbra, para acceder ao pedido  
do ex.<sup>mo</sup> vice-reitor.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

## SOL Á SOMBRA

POEMETO

DE  
J. SIMÕES DIAS

Preço 120 rs.

## RELGARIO

## OU O MUNDO INTERIOR

POESIAS

de  
J. Simões Dias

Preço 300 rs.

Vendem-se em todas as livrarias.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.



# A CHRYSALIDA

SEMANARIO, SCIENTIFICO E LITTERARIO

(ACADEMICO)



**Aos srs. assignantes da Chrysalida**

*Que ainda não curaram de satisfazer o emporte de suas assignaturas.*

Quando comprehendemos a publicação da *Chrysalida*, bem longe estava de nós o sonhar sequer, que um dia viria, em que teríamos de advertir aos nossos assignates da falta d'um tão sagrado dever, como é a exacta satisfação do emporte de suas assignaturas. E fazia-nos pensar d'esta maneira, por um lado o fim altamente nobre, e sublimemente sancto a que o nosso jornal mirava, por outro a sua fabulosa barateza.

Nunca foi nossa mira a ostentação vaidosa de dar publicidade a nossas mesquinhas produções; não; mais alto e mais sublime era o fito a que mirávamos confiados na protecção e bom acolhimento do publico—Coadjuvar um mancebo recomendavel por suas qualidades, e dotado das mais louvaveis aspirações; servir-lhe de Cyreneo na senda do seu calvario; ajudar-lhe a levar a cruz ao monte,—a tão pezada cruz da sua formatura—dar a mão ao homem, a quem a morte roubou um protector, e que á dois annos se vê quasi a perder o equilibrio da posição social, em que a sorte o lançou, luctando a sós braço a braço com a desgraça para ver se um dia pôde ser util a si, á familia, á patria, e á sociedade; eis os motivos que nos levarão a dar um similhante passo. E bem alto o declarava assim a singileza, com que ião redigidos os nossos prospectos; eis o que elles diziam—*A coadjuvação d'um socio nas lides do estudo é o fito a que mira este jornal: esperamos, por isso, que os srs. assignantes se associem a nós nesta cruzada tão sancta e philantropica.*—E elles vinham cheios de todas as partes; parecia que a caridade, ou uma força de sympathia, que ha sempre pela desgraça, moviam irresistivelmente a assignar as pessoas, a cujo conhecimento chegavão taes pamphletos—Eram maravilhosas e surprehendentes as cores do prisma, por que viamos a nossa empreza, o

qual parecia já querer mostra-nos os mais li-songeiros resultados. Illusão! Engano perfeito! Não sabiamos, não podiamos pensar sequer, que muitos braços tinham sido movidos a escrever um nome, não pelo desejo de fazer um bem, mas pela vaidade de satisfazer ao pedido de alguém. Stulta gloria! Não sabiam que era melhor revolver o prospecto em branco!.. Ignoravam que o seu nome representava a parcella d'um capital sagrado, com que ia lançar-se os fundamentos a uma obra sancta, ou então não sabiam, o que assignavam, porque talvez assignassem sem ter lido! mas em qualquer dos cazos deveriam saber ao menos, que andar assim, era andar pessimamente; porque o resultado foi cavarem-nos aos pés um abysmo ao lado d'outro, que queriamos ajudar a transportar. Senão eram sanctas as suas intenções, para que assignar um nome? para que cometer uma mentira, donde proveio não só impossibilidade de coadjuvação para o nosso protegido, mas sobre tudo *incravilhação* para nós?! Quantas lagrymas de sangue, quantas bagas de suor do nosso rosto nos não serão hoje necessárias para poder-mos remir-nos da quantia que devemos á imprensa?

Poderão dizer-nos que o jornal andou sempre irregular; mas ainda assim era de lá que a culpa vinha. Muitas vezes nos estava o original retido na imprensa perto de 15 dias, e não nos sentiamos com força para o mandar compôr, porque esta só nos podia provir do dinheiro, e este lá está ainda pela mão da maior parte dos srs. assignantes! E que os srs. assignantes não sabem que as manivelas do prello só se movem com o peso do ouro, e sabiam só attribuir qualquer falta de regularidade á redacção, que não queria—por que lhe não convinha—levantar o véu do misterio! Não sabiam que o sr. Administrador da Imprensa da Universidade só mandava trabalhar de vontade os compositores, quando atravez da sua *myopia* podia descobrir o fulgor d'algumas libras?! Ignoraram que a mesma *myopia* lhe deixava perceber melhor o brilho do ouro, que a



luz d'alguns argumentos, que lhe apresentámos para o convencer, de que a irregularidade do jornal éra um meio inteiramente contraproducente para se ir embolçando do que lhe iamos devendo; que quanto mais irregular fosse a sua tiragem, mais se exacerbavam os assignantes na falta de seus pagamentos, e por tanto menos lhe podiamos satisfazer?! Ignoravam tudo isto?! pois saibam agora tudo.

Tambem não foi mira nossa a especulação d'interesse. Viram-no bem claramente escripto aquelles senhores, que se deram ao trabalho de lér os nossos prospectos: 30 réis por oito paginas de soffrivel litteratura, ou 120 por trinta e duas paginas, não sabemos onde se possa escrever mais barato!

Mas não cuidem aquelles senhores, que ainda se não dignaram saptisfazer a esta redacção o importe de suas assignaturas, que vimos hoje com este desabaffo exigir-lhes ou pedir-lhes sequer o cumprimento de tão sagrados deveres; não; pódem obrar como quizerem, que nós entendemos, que para o homem d'honra e de brioso cavalheirismo é offensa até o avizal-o de semelhantes faltas; para aquelles, cuja alma não possui nenhum d'estes predicados, escusadas são taes advertencias; para esses, o silencio e o desprezo é a sensura mais bem cabida que podemos irrogar-lhes.

Taes! não nos meressem sequer uma penada de tinta!

Vimos tão só deffender-nos perante o tribunal da oppinião pública das sensuras d'aquelles, que por ventura nos possam ter accusado d'alguma falta involuntaria no exacto cumprimento de nossas obrigações e agradecer do coração áquelles cavalheiros, que tem religiosamente sabido cumprir com os seus deveres, promettendo-lhes, que a *Chrysalida* não morre, pelo menos em quanto não chegar ao n.º 24, que é o ultimo do 1.º semestre — praso porque alguns srs. satisfizeram já —; e aproveitando esta occasião, vimos ao mesmo tempo beijar as mãos a alguns de nossos presados amigos, que na qualidade de agentes, nos tem prestado em differentes localidades os maiores serviços, concorrendo com o mais desvellado trabalho e apurada paciencia para a realisação do emporte de muitas assignaturas — São elles nomeadamente: Os Ill.ºs Ex.ºs Srs. D. Ephi-genia do Carvalho, em Veiga do Lilla — Francisco Augusto Cardoso, Monte-mór o Velho. — Dr. Manoel Pires Marques, e José do Espirito Santo Caio, em Castello Branco — Francisco Manso Prétto, na Redinha — Antonio Maximo Verol Junior, em Lisboa — Dr. José Alves de

Moura, em Braga — Antonio Ludovico Guimarães, em Villa Real.

Assim como aqui agradecemos públicamente a tão honrados cavalheiros, da mesma maneira nenhuma duvida teremos em apresentar no nosso ultimo numero os nomes d'aquelles, que o não sabem ser, para que bem se conheçam os homens de bem...

Coimbra 30 de maio de 1864.

A Redacção da *Chrysalida*.

### No tumulo de meu irmão

Lampada bella de christal brilhante  
A clara luz do céu a allumiava:  
Veio a morte: soprou-lhe a luz divina...  
E lá se foi a luz que a illuminava.

Deus entornára o oleo perfumado  
De innocencia e amor sobre o christal!  
Mais um altar teve o céu! e foi-se a luz  
Feita em centelhas ao bafo sepulchral

Talvez o visseis. Era luz mais clara  
Que a luz que se desperta n'alvorada...  
Ouviu-se um grito... Que pensaes? Sublime!  
Grito da ave ao raiar da madrugada!...

A, F. Aleixo dos Santos.

### SONETO

Ao longe soportei doce agonia  
Dos sonhos, que alta noite me enlevavam:  
As agoas do Mondego murmuravam,  
Sonhava sempre ver-te e não te via!

Dos olhos chrystalinos me feria  
A luz com brilhos taes, que magoavam  
Os echos d'uma voz triste fallavam  
Pedindo só de mim a companhia,

Vivia assim feliz, mas de repente  
Da vista fuge o quadro, que saudade!  
No sonho quem vivera eternamente!

Acordo! Sepultado na anciedade!  
E vendo que de ti me encontro auzente  
Jurei-te ainda amor na eternidade.

Madureira.



## CANTO DA MANHÃ

A M. P.

A aurora rasga o véu lugubre,  
que ha pouco envolvia a terra  
qual mortalha funeral:  
as aves erguem seus canticos  
ao sol que detraz da serra  
surge alegre e festival.

O prado esmaltam mil pérolas,  
mimosa treme a bonina  
das auras ao perpassar;  
o arroio serpêa limpido,  
e na fonte crystalina  
se vem o sol espelhar.

Tudo vive, e accorda ao mystico  
concerto da natureza,  
que se eleva aos pés de Deus!  
e tu dormes! dormes placida,  
como o archanjo da tristeza,  
que tem saudades dos céus!...

Não abres teus olhos célicos  
ao almo brilho da aurora,  
brilho que as almas seduz:  
cerras as humidas palpebras,  
e buscas a luz d'outr'ora  
na mansão da eterna luz!..

Buscas essa luz benéfica,  
que te brilhou um instante,  
e quo logo se sumiu:  
pairas nos jardins ethéreos,  
onde brilha radiante  
a estrella que te fugiu!..

Oh! em tua face angelica  
oxalá resplenda em breve  
um vislumbre d'essa luz...  
sim! Deus é justo, e o sol fulgido  
da ventura innundar deve  
quem tomou ha tanto a cruz!...

Dorme, dorme! da innocencia  
que em teu rosto transparece,  
o somno é sempre feliz:  
vi-te inda hontem as lagrimas,  
mas, dormindo assim, parece  
que aos anjos ora sorris!..

É porque tua alma candida  
traz a teus labios o riso,  
nuncio de ledô porvir!

assegura-te voz intima  
que has-de ver teu paraíso  
mil venturas refflorir!...

Dorme! dorme! e quando o Altissimo  
desempanar tua estrella,  
descerra os olhos então  
da ventura á luz magnifica!  
só ella, essa luz, só ella,  
faz feliz o coração!

Mas esta aurora que esplendida  
sorri na montanha tanto  
como do prado na flor,  
é p'ra ti reflexo pallido  
d'outra aurora que teu pranto  
seccará, levando a dor...

Dorme pois teu somno placido,  
é as gallas da terra olvida,  
que p'ra ti já nada são;  
sonha e lembra o eterno jubilo,  
que te espera 'noutra vida  
na celestial mansão.

Dorme, dorme! — é momentaneo  
o odor das flores de maio,  
eterno o que alem seduz!...  
sóbe ao céu, e de lá manda-me  
de celeste luz um raio,  
que me prenda á tua cruz!..

Seminario de Vizeu 1864.

A. Candido de Figueiredo.

## DISTRACÇÕES

Quem não tem que fazer,  
faz colheres.

Rifão Popular.

(Continuado da pag. 88)

— Sabes já, que me acomaram por ahí de  
contraditorio, por ter afirmado, que todas as  
religiões eram verdadeiras, sendo uma só a  
verdade?

— Sei-o ha muito. E realmente eu acho  
gravissima a objecção; porque a conclusão lo-  
gica, que parece deduzir-se do teu principio,  
é a falsidade de todas as religiões. E senão  
dize-me, convir em que a verdade é uma só,  
e afirmar ao mesmo tempo, que todas as re-  
ligiões são verdadeiras, não equivalerá a pro-  
clamar a identidade da verdade e da mentira?

— É mister, que nos entendamos.



A verdade absoluta é invariavel, superior ás circumstancias de tempo e lugar; mas d'essa não nos occupámos nós, por não ser dado ao espirito humano o comprehendel-a: como poderia o finito abranger o infinito? Quando disse, que todas as religiões eram verdadeiras, referia-me ao ponto de vista das circumstancias.

Em summa o meu pensamento era este: Toda e qualquer religião é verdadeira, em quanto conservar a supremacia sobre as idéias cotemporaneas, em quanto, qual outra columna de fogo, projectar luz sobre o deserto do futuro; porque desde o momento, em que o estado social lhe toma a dianteira, torna-se uma das primeiras pês da civilisação, e portanto *mente* ao seu mandato. O Moysseismo, por exemplo, foi verdadeiro, em quanto satisfez ás legitimas aspirações dos Hebreus: começou porém a entrar na sua decadência, desde o momento, em que o espirito humano descobriu um ideal superior.

Por outros termos, desde que o Moysseismo deixou de traduzir a *verdade relativa*, comessou a declinar, até desaparecer no seu occaso.

— Mas uma religião pôde hoje ser verdadeira, e amanhã falsa?

— Sem duvida. As circumstancias são hoje umas, amanhã outras; porque a humanidade nunca faz alto, marcha sempre.

Se se tratasse de verdade absoluta, seria irrespondivel a tua objecção; mas d'essa, disse eu já, que não nos occupavamos nós, por ser humanamente impossivel a sua traducção.

Mas supponhamos que só uma é a verdadeira, por ter por origem a revelação: nesse caso, se é certo, que dos systemas religiosos é que dependem todas as instituições, todas as formas sociaes, como o demonstrou o profundo philosopho Edgar Quinet com a logica irresistivel dos factos, como ha de comprehender-se, e explicar-se, a grandeza das civilisações antigas?

Seriam ellas uma monstruosidade social, uma mentira? Affirma-o em face da historia, seria a maior das impiedades.

Se a religião fosse uma simples relação entre Deus e o homem, se se limitasse ao puro sentimento, estaria do vosso lado a verdade: entre este e Aquelle porém medeia a distancia, que vae da ideia á sua instituição. Ora a instituição, como tudo, o que se elabora, e organisa no seio social, é que soffre ás modificações chronologicas no sentido do progresso. Para cada atmosphera social sua instituição religiosa, que deve todavia acompanhar o movimento intellectual, sob pena de comprometer gravemente os povos, que dirige.

O *statu quo* secular da China especialmente não tem outra razão de ser.

Aonde vegetarianos nós, se não fôra a revolução d'aquelle, que com razão assumiu as enormes proporções da Divindade?!

Já o disse, e não me cansarei de o repetir; se o meio social fosse um unico em todo o globo, se se verificasse a universal identidade dos costumes, das ideias, do pensar intimo, e se o progresso não fosse uma condição da humanidade, não seria necessaria mais, que uma religião, e essa seria absolutamente verdadeira, se comprehendesse em si toda a somma de verdades correspondente a esse supposto estado. A impossibilidade porém d'uma tal hypothese é uma verdade axiomática; e portanto não pôde deixar de ser verdadeira a minha proposição.

Agora duas palavras a proposito d'esta questão.

Seria muito para desejar, que a nova geração, que leya sobre si a tremenda responsabilidade do futuro, se interessasse vivamente por questões d'esta ordem, porque são muito importantes, e vitaes para a humanidade.

— Mas tu não sabes, que são perigosissimas, e sobre tudo prejudiciaes para os pobres d'espirito, a quem, em compensação do seu myopismo, se deve deixar intacto o reino dos céus?!

— A isso respondo eu com toda a sinceridade da minha convicção, que, quanto mais tenebrosa fôr a noite, tanto mais necessaria se torna a luz. Nada mais assustador, que o desconhecido.

E por este anno está levantada a secção.

J. Jocinho Nunes.

(Continuação)

Pobre é ainda o homem, que sobre a cabeça tem tres coroas quando nellas se não ve engastado o diamante da virtude.

O mundo, vasta morada de lucto, no dizer d'um genio sublime, se tem corôas de rozas, grinaldas de flores, que, enebriantes de perfumes, espargem a suavidade e aroma, que pouco a pouco se vai respirando na estreita vereda



da vida; também possui escolhos, e revéses, taças de fel e d'amargura, espinhos duros e cruéis, que, dilacerando as fibras d'alma, parecem mesmo irraisar-se no amago do coração. É o homem infeliz por natureza; a sua vida é miseravelmente curta, e seus ultimos actos são tragicos, embora tenham sido comicos todos os outros. Os debeis fios, que constituem o pequeno edeficio da industriosa aranha, são grilhões bem mais duros, postos em paralelo com a fragil cadea, que nos prende á felicidade.

Pois que? nem ao menos será ditoso o rico avaro, que tão altivo se ostenta em seu palacio dourado? Consulte-se a vóz intima da consciencia, do mesmo modo que o povo guerreiro consultava o vôo das aves sobre os grandes destinos do porvir, que ella nos dirá «com a riqueza não se casa bem a felicidade, não; foge-lhe mais ligeira, que o sopro do zephiro ao escuar-se por entre a folhagem do copado arvoredo». Bem longe está também a felicidade d'aquelles, que a fazem consistir nos prazeres da concupiscencia e da paixão.

Oh! quanto esses prazeres são ephemeros e transitorios! Além de não encherem o coração, que remorso, que sentir acerbo é esse, que parece querer acompanhar o homem até á mansão silenciosa dos mortos? até á funerea campa do sepulcro? Que de desgraçados, já com a pallida côr da morte pintada na fronte se não vêm, que embriagando-se no verdôr dos annos com os prazeres da corrupção e do crime, perdido de todo o vigor, estendem hoje a secca e mirrada mão á caridade!

Só não é infeliz quem por entre as urzes da vida sabe cultivar a flor da virtude. É essencialmente nella que consiste a felicidade. Que socego d'espírito, que sancta tranquillidade, ainda mesmo por entre as contrafacções do sofrimento, se não divisa no semblante risonho do homem probo, sisudo, e virtuoso! A virtude é o melhor bem da vida; o cabedal dos ricos, a magestade dos reis, a glória dos heróes tudo vem a acabar na fria lousa; só ella porém, partindo o duro grilhão da morte, vai espriar-se toda no seio da eternidade. Effectivamente o homem no regasso da morte perdendo todos os bens, que o inlação á felicidade, só a ella não perde; é porque a virtude é magestosamente grande, é o jardim da divindade, que cultivado pelos anjos, esmalta de flores a árida rocha da terra, e cujos perfumes vão recender para sempre no ceu.

Coimbra, 13 de maio de 1864.

(Conclue)

A. Ribeiro.

## DIVAGAÇÕES

(Continuado do n.º 18, pag. 141)

Como a ociosidade é mãe de todos os vícios, assim a necessidade é da boa industria.

*Maximas populares*  
E assim d'esse pouco, que aqui fica dicto, bem claro se vê a influencia da religião na vida dos povos; sendo que só pódeim prosperar, e firmar-se de dia a dia nos principios reguladores da boa ordem, quando estejam de mãos dadas com essa carinhosa mãe, que entre caricias e afagos lhes ministra o pão civilizador, que mais tarde, depois de digerido, os ha de levar á harmonia social, alvo dos espiritos pensadores e verdadeiramente fraternaes, que ha tanto a almejam, mas com cujo desejo infelizmente cresce a distancia de a alcançar.

Mas serão todas as religiões verdadeiras, e portanto, poder-se-ha seguir uma ou outra para o conseguimento do fim commum?

Não: assim o erém.

Finito, pobre de forças, dependente porisso de auxilio externo, o homem seja qual for o seu papel nesta tragedia da vida; quer dilacerado pelas paixões politicas, que lhe fazem, em regra, abjurar a verdade; quer retirado d'esse pelago profundo, vivendo tranquillo no seio da sociedade; já vagueando pelo interior das selvas, já passando vida obscura lá pelo concavo das montanhas, sente sempre em seu peito um *quid*, que não se explica, que é como o ferrete da dependencia, uma adhesão continua para um ser que é superior a si; sentimento este que objectivado, traduzido em accões a elle conformes, constitue o que se chama religião.

É a historia que o attesta, e a philosophia lançando mão dos factos o confirma com seus principios expeculativos:—e se não ouça-se Renant, esse genio de imaginação fecunda. «L'homme, dès qu'il se distingue de l'animal, fut religieux, c'est-à-dire, il vit dans l'anature quelque chose au delà de la réalité, et pour lui quelque chose au delà de la mort».

É o sentimento d'um homem, que bem longe está de favorecer nossas crenças, e a quem de proposito cupiamos para não ser suspeito um outro testemunho; pois que muitos há a este respeito.

Mas, assim fica melhor fundamentada nossa asserção tomando para ponto de partida a voz de um escriptor, que tanto tem echoado entre esses, que se levam pelas cadencias harmoniosas d'uma poesia fecunda e sublime, mas sem



fundo real; a voz d'um escriptor, que é o reflexo, já a empalidecer, das idéias d'outros seculos fomentadas por Ario, e conservadas, a despeito do anathma, por muitos seus seguidores.

Portanto a religião é predicado exclusivo, e essencial ao homem.

A historia, porém, imparcial em seus dictames, nos apresenta bem variado o quadro, onde pelas tendencias humanas estão desenhadas as variantes, porquê tem passado a humanidade em materia religiosa.

O chaldeo adora o sol, o egipsio o corcodillo, do indio é Deus Bramá: o arabe só ouve a Mahomet, o judeu crê em gehovah; e o selvagem, á falta de Deus determinado, adora tudo, porque nada comprehende.

Nisto há alguma couza de verdade, é a existencia do mesmo sentimento, mas manifestado de formas diversas; é o mesmo foco calorifico, cujos raios atravez de meios heterogeneos se refratem de modo bem variado: a fonte é pura, mas o transito turva os regatos, em que se divide.

Se pois unico é o sentimento cummum, multiplice é a sua expressão, que, porisso, não pôde ser sempre tradução fiel do sentimento: como dizer-se então, que são verdadeiras todas essas formas variadas, porque se expressa um mesmo sentir? ou, o que vale o mesmo, que todas as religiões são verdadeiras?

Afirmar-o seria uma anomalia intellectual. O nosso raciocinio é bem simples, e mais simples o podemos ainda apresentar—dizendo—o sentimento religioso é unico; diversas são porém as formas, e até diametralmente oppositas, por que elle se pôde exprimir; logo uma só será verdadeira.

É o que cremos, repetimos, porque assim o pensamos; e ahi fica pois esse pensamento, até que alguém, forte em conhecimentos, o queira corroborar, e ajudal-o a viver.

Coimbra 16 de maio de 1864. (Conclue).

A. M. S.

## EPYTALAMIO!

OFFERECIDO

POR

DOMINGOS JOSÉ D'ALMEIDA

AO SEU INTIMO AMIGO

ABILIO LOPES FERREIRA NETTO,

NO SEU CONSORCIO

COM A EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup>

D. MARIA A. MARTINS GANILHO NETTO

I.

Amôr, liame eterno, que nos prende

a-Deus, ou cá na terra á sua imagem:  
Amôr, favilla d'oiro, que se acende  
dos suspiros de Deus á doce aragem!

Amôr, verbo sublime escripto n'alma  
do homem, que primeiro a terra viu:

Amôr balsamo sancto, que se espalma  
nas ulceras, que a dôr no peito abriu!

Amôr, verdade eterna e perenal,  
que o vérmê em baixo adora, e o homem canta:  
hymno da creação universal,

Amôr, que 'num suspiro se levanta!

## II

Desce, liame eterno, lá do Empyreo,

desce favilla d'oiro!

verbo sublime, alivios ao martyrio!

diffunde amplo thesouro!

Anjos, cobri de flores

o leito do noivado

o culto é recatado

no dia dos amores!

Venha a benção depois

c'roar a união,

que fórma um coração

de dois!

## III

E de que val a vida, se ella é erma  
das affeições mais sanctas do amôr?

É dolorido ai de velha enferma,  
que anhella sem cessar o eterno albor!

É como a tempestade lá nos mares  
sem a luz do pharol do porto amigo!

é o queimar do fogo dos palmares  
sem oásis, sem sombras, sem abrigo!

Mas quando o amôr sonhado no segredo  
das solidões do peito a furto nasce,  
é como o sol em fios no arvoredo  
que lhe occulta de traz a rosea face!

Depois: se ao perto encontra a nivea casa  
d'outro amôr, que se esconde, porque é móço,  
é como o combustivel, que se abraça  
nos mysticos arroubos do alvarço!

Agora, que eu já vejo nos sorrisos  
os segredos do amôr, do coração!  
sobre elles mande o céu mil Paraizos,  
é perpetua confirme esta união!

S. D.



## CHRONICA

Salve leitôras! O chronista ao vir de novo rir e conversar comvosco, sente-se alegre e entusiasmado, como se sentia triste e saudoso na vossa ausencia. A *prepotencia do dispotismo* —ez com que eu vos deixasse por algum tempo, e com que chegasse até a soffrer sonhos terribes de vos deixar para sempre, porque o *vandalismo*, que tudo pretende avassalar na sua passagem devastadora, teve a lembrança triste de pretender aniquilar tambem a pobre *Chrysalida*, não se lembrando ao mesmo tempo, que á vida do mesquinho *infusorio litterario* anda ligada a vida d'um homem, que lhe sabe arrotar as iras com a impavidez e sangue frio do gigante! Era nobre, era irresistivel, porque vinha de cima (!) a força, que nos mandava partir; e quando Deus manda, não se resiste; partimos: e lá ao longe sentiamos a atravessar-nos o coração os queixumes do pobre *insecto* que se debatia, e se exforçava por se subtrahir ás mãos duras dos Neros, que, —cobardes! —tentavam esmagal-o sufocando-lhe os gemidos. E .....

Longe ao longe nas margens desse rio  
Preguiçoso, que dorme em leito d'ouro  
*Ouvi carpir a lamentosa nympha*  
*E d'ouvil-a gemeu minha saudade!*  
*Dia e noite sentia o chorar triste*  
*Da tão triste Chrysalida, que aflita*  
Por livrar-se da morte (!) se exforçava!  
Grande era o meu pezar, e aos seus lamentos  
*De lá mesmo juntei meus ais mais tristes!*  
*D'esta alma filha, minha nympha bella*  
*Porque entre as garras te deixei dos Neros?!..*

E mal cuidava eu então que havia tornar a vel-a; e que vendo-a, e que beijando-a, e que unindo-a ao coração de que ella é filha, ao coração que lhe dá amor e vida, como ella lhe dá vida e amor, havia por meio d'ella, interessantes leitôras, tornar a ver-vos, e a admirar-vos, e que

«*esquecidas passando horas ditosas*»

havia de inda outra vez entreter comvosco tão deleitosos momentos em doce conversação.

Mas o *poder do espirito das trevas* fugio espavorido deante da candidez da estôla do filho do MARTYR, que lançou sobre nós a benção paternal. O pae *pedia, supplicava, exorava* ao filho, que viesse; a *filha chorava, clamava pelo pae*, que a remisse!... Era forçoso vir; viémos: e eisme outra vez com *ella*, e comvosco.

Vou pois dizer-vos o que por cá tem occorrido de mais algum interesse.

Caetano de Seixas, o *digno* governador civil d'este districto continúa a viver encerrado, mas cercado de bayonetas. É o dispotico senhor da idade medea, que manda cercar d'alahardeiros o seu castello feudal... De noite, de dia, continuamente nos está mandando atordoar os ouvidos com o clangor das trombétas, como quem diz —eu cá estou!

'Numa d'estas noites, gozando dos mais antigos fóros academicos, foram alguns estudantes da Universidade *fazer bexiga* a um *caloiro*, que tem suas pretensões a litterato, e que se deixou cahir na miseria de mandar para o prello um pamphlecto narrando a *questão academica*, mas onde ao mesmo tempo, sem dó nem consciencia (que é coisa que elle não tem!) eram adulterados os factos, e menoscabado o credito de seus collegas e contemporaneos. *Fiat justitia!*.. o homem não andou de todo mal! quereria assim fazer mais um serviço ao *padrinho*, que lhe arranjou 20\$000 réis mensaes, e que o mandou para Coimbra *passear, fazer de Lord...* de *grande...* de *chic...* de *Duque...* (!) de homem *du monde...* *que foi a Pariz...* numa palavra, para exercer o ridiculo papel de... *boneco de sabugo!*

A briosa porem é que, não se emportando com tão *louvaveis* testemunhos de *acrizolada* gratidão, foi á porta do *caloiro* chamal-o pelo nome da sua *obra*, que elle denominou *opusculo*. O *bicho*, afastando as arrendadas bambinellas, (que miseria!) deitava a cabeça á janella, *dava o cavaco*, e os estudantes rião-se. Isto foi o bastante para o sr. Caetano de Seixas acordar espavorido (é que estava talvez sonhando com aquella noite, em que, no seu tempo de estudante, mandou *dancar* o governador civil de Coimbra!), esfregar os olhos, mandar tocar a rebate, pôr a sua tropa em armas, e mandar dizer ao governador militar, que era necessario mandar redobrar a força no bairro alto, por que a *academia estava outra vez sublevada!* S. ex.<sup>a</sup> o sr. Pratt. appareceu no meio de nós, só, a pé, apoiando-se na sua bengalla, que era a sua arma destinctiva; chegou-se a um academico, e nos melhores termos pediu-lhe, que nos retirassemos, poisque 'nisso lhe faziamos obsequio: foi o bastante para se não ouvir alli nem mais um *piu*, e para todos se retirarem para suas cazas. Assim soube s. ex.<sup>a</sup> conseguir na melhor ordem com suas palavras o que o sr. governador civil de certo não era capaz de conseguir com as suas bayonetas— É que o sr. Pratt. á sua madura experiencia



seasonada pelo ardor dos combates, sabe reunir as boas maneiras, e tractar com pessoas delicadas, porque o é também em extremo. Consta-nos que s. ex.<sup>a</sup> fôra já demittido, por se ter havido tão sabiã e prudentemente num caso d'estes! Não podemos crer em tal; mas, sendo certo, desde já damos os parabens a s. ex.<sup>a</sup>, porque a miseria recabe toda sobre um governo que não sabe premear doutra maneira o funcionario publico, que sabe cumprir com os seus deveres, e que tem crivado de chumbo o corpo, que foi expôr ás ballas nas plagas africanas em favor da Patria!

Tem havido regularmente actos na Universidade nas faculdade de Theologia, Direito e Medicina. Sobre os cursos do 2.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> anno juridico os RR têm cahido desapiedada e indistinctamente, como as serpentes de fogo sobre os hebreus do deserto!... A boa reputação de que eram credores estes dois cursos, tidos e avaliados como os mais regulares da Faculdade durante este anno lectivo, sem despeito dos outros; e além d'isso a semcerimonia com que os temos visto cahir sobre reputações já formadas, e bem definidas, são razões bem fortes, que nos têm feito scismar seriamente sobre a causa de semelhante mal. Qual será a sua origem?! Quanto a nós não pôde deixar de ser o peccado original como fonte de todas as fraquezas humanas! Se já se não attende á reputação litteraria, capacidade de saber, e comportamento scientifico (frequencia) do estudante, o que é que ha de salvá-lo no caso de ser menos feliz no seu acto?! Mas é bem, que assim se recompense a obediencia, com que os Isaacs á voz de Habraham marcharam para o sacrificio.

Timidos! não tivestes coragem bastante para renunciar ao preço das lagrimas d'um anno?! Não podesteis comprehender, que era melhor perigrinar pelo deserto, que vir ser victima sobre o holocausto que estava erguido deante de nós?! Cuidaveis que o SENHOR mandaria suspender o golpe erguido sobre nossas cabeças?! Credulos! o Deus de Habraham esqueceu-se de seus filhos! e agora ahí tendes sobre a batinha nódoas indeleveis, que não ha Jordão que a lave!

*Chrysalida.*

### EXPEDIENTE

Como a maior parte dos srs. assignates d'este jornal são estudantes de Coimbra, Lisboa, Porto, Braga, e Castello-Branco, e está proxima a epocha em que, terminadas por este anno as suas lides litterarias, regressão aos lares patrios, pede-se áquelles senhores que não desejarem, se lhes extravie o jornal, e o queiram

continuar a receber até ao n.<sup>o</sup> 24 (fim do semestre); tenham a bondade de participar a esta redacção, quando se ausentarem, para onde lhes deve ser feita a remessa.

Da mesma maneira se participa que, em virtude do que se allega no primeiro artigo d'este numero, não poderão ser reimpressos (por não valler a pena!) os n.<sup>os</sup> 5, 6, 7 e 8, cujas tiragens se exgotaram; por isso aquelles senhores, a quem por ventura faltar algum numero comprehendido nestes quatro, e que tenham já satisfeito a esta redacção, terão a summa bondade de nol-o participar, para que immediatamente lhes seja remettido em estampilhas o valor do mesmo numero ou numeros; assim como podem também descontar 30 réis por numero aquelles senhores, que não tendo ainda satisfeito, quizerem com tudo dignar-se fazel-o agora, e a quem por ventura falte algum dos numeros indicados. De todos os outros numeros até hoje sahidos ha exemplares na redacção; por isso aquelles senhores, que desejarem ter a colleccção completa, e a quem algum d'estes faltar, podem participal-o, para lhes ser immediatamente remettido.

Finalmente toda e qualquer reclamação, quer neste, quer noutro sentido, entregã de dinheiro, etc., pôde ser feita ou directamente á redacção, ou então—sendo em Coimbra ao distribuidor do jornal—do que elle tomará nota; e nas provincias áquelles senhores que vamos indicar-lhes—em Lisboa ao sr. Antonio Maximino Verol Junior, Livraria da rua Augusta, n.<sup>o</sup> 171; ou ao sr. Moreira Feio, Praça de D. Pedro, n.<sup>o</sup> 31.—No Porto, rua das Taipas na redacção do *Nacianal*.—Em Villa Real ao sr. A. Ludovico Guimarães.—Em Castello-Branco ao sr. dr. M. Pires Marques, e ao sr. J. do Espirito Sancto Caio.—Em Vizeu ao sr. Luciano Teixeira de Mendonça, na Botica do Hospital.—Em Monte-mor o Velho, na loja do sr. Novaes, á Praça.

O jornal continuará a ser expedido a todos os senhores assignantes até ao n.<sup>o</sup> 24; porém, áquelles senhores que ainda não saptisfizeram sequer o 1.<sup>o</sup> trimestre, sel-o-hia sem franquia, em quanto não saptisfizerem.

A redacção além d'outras despesas, não pôde estar a perder até o dinheire das estampilhas! Coimbra, rua dos Estudos, n.<sup>o</sup> 22.

O Redactor Responsavel,

Duarte de Vasconcellos.





## BRINDE

### AOS ASSIGNANTES DA CHRYSALIDA

---

### BRADO AOS PORTUGUEZES

#### O DIA 1 DE DEZEMBRO

São as glórias de um povo os seus pergaminhos. Ler os feitos heroicos de Portugal é ler nos seus pergaminhos. Abramos, por isso, a historia da restauração portugueza 'neste dia anniversario. De cada feito que lermos soltemos um brado de alegria, e 'num abraço apertadissimo de irmãos congratulemo-nos hoje pela nossa independencia, livre ha 223 annos das garras do leão de Castella.

No dia solemne do 223.º anniversario da gloriosa restauração de Portugal, dia em que todos os bons portuguezes celebram com justo motivo uma data brilhante nos annaes da patria, parece-nos não ser fóra de proposito o lançarmos um relancear de vista retrospectivo pela historia d'esses tempos, que nos recordam um dos mais arrojados feitos d'este valente povo, que tantos actos de heroidade conta.

No decurso dos seculos xv e xvi o poderio das Hespanhas tomou um tal grau de desinvolvimento, que, assombrando ja a Europa com o seu agigantado vulto, ameaçava comprometter o equilibrio indispensavel para as nações restantes poderem sustentar a sua autonomia e defender os sanctos principios de liberdade e independencia. Por toda a parte parecia sorrir-lhe o anjo das victorias, porque immenso foi o número dos povos, que ao seu jugo avassallou, adquirindo assim thesouros de fabulosa riqueza, ao passo que o seu dominio se ia tornando mais assustador.

Bem proxima d'esse colosso, que tudo sujeitava a si, existia uma nação florescente e poderosa, não pelo terror dos despotismos, mas pela admiração, que geralmente causavam as suas gloriosas acções: era essa a nação portugueza, que foi sempre o berço de grandes committimentos, e que na epocha, em que os mais dos povos jaziam ainda nas trevas da ignorancia, ja conduzia de um a outro



extremo do globo o facho regenerador da civilização!

Limitado por uma área de 19:000 kilometros quadrados, este pequeno recanto da Europa foi grande constantemente pelo valor dos seus habitantes. Se a mera fôrça physica é propria dos brutos e a fôrça moral caracteriza os homens, a reunião de ambas constitue o heroe. E de heroes era o povo, que se encarregou da nobre missão de promover o adiantamento da navegação e commercio, e de descobrir novas terras para as povoar e esclarecer.

Era Portugal, pois, uma joia de subido quilate, que muito convinha engastar na coroa fulgurante do reino hespanhol. Por diversas vezes, mas sempre debalde, emprehendeu o leão de Castella tomal-a por violencia nas garras, e se as recolhia depois de um revez, era sempre por astucia a fim de se preparar para novo assalto.

Uma occasião propicia se lhe facilitou emfim para a realisação dos seus nefandos intentos.

Quando em 1578 o até alli immaculado pendão das sagradas quinas foi suplantado pelo crescente sarraceno, e destruido o exército de D. Sebastião nos campos de *Alcacer-quivir* pelo alfange victorioso dos arabes, grande número de varões de sabio conselho e muitos jovens de esforçado braço e provado valor cahiram victimas do furor inimigo, ou algemados pereceram nos cárceres negros da Barberia.

Ésta quebra de fôrças, que veio extenuar os recursos do paiz, juncta á extirpação da dynastia reinante, constrangeu Portugal a vergar, abatido sob o péso enorme de tantas calamidades.

Durante o curto reinado do cardeal D. Henrique, *protector* que ja fôra do reino na minoridade de seu sobrinho D. Sebastião, tractou Philippe II de Castella de dispor as cousas por fórma que lhe coubesse a successão ao throno portuguez depois da morte do velho rei. Allegando o direito de D. Catharina, filha de Philippe I, haver sido espôsa de D. João III. e consequentemente avó do jo-

ven monarcha, que tão prematura morte levou; baseando-se tambem em ter elle proprio sido casado em primeiras nupcias com D. Maria, tia do mesmo infeliz soberano, e não dispondo os outros pretendentes de meios bastantes para se opporem ao poder hespanhol, conseguiu Philippe II fazer-se reconhecer monarcha legitimo de Portugal pelas côrtes, que em 1580 convocou em Thomar o duque de Alba.

Sublimes provas de um nobre patriotismo deram muitos bravos portuguezes, que em diversos pontos do reino resistiram por algum tempo á occupação estrangeira. Uma nação, porém, orphan do seu rei, pobre de recursos, quebrantada moralmente e devastada ainda em cima pelo flagello terrivel da peste, fraca opposição poderia fazer ao leão das Hespanhas, habituado então a sôbre todos dominar.

Com a annexação de Portugal e suas ricas possessões ganhou o usurpador riquezas de infinito e incalculavel valor. Mas a esperanza firme de restauração foi logo calando no peito de cada um dos filhos d'esta boa terra, de sorte que todos aproveitavam com louvavel empenho qualquer oportunidade de revolta; e este espirito de conspiração, passando em herança de paes a filhos, não consentia ao inimigo a posse tranquilla de um povo, que nascêra independente, e que fataes circunstancias haviam reduzido á escravidão.

Todavia a estrella brilhante, que guiava a Hespanha na senda da prosperidade, nada perdeu da sua luz durante o meio seculo, que se seguiu. E, com quanto a esquadra composta de 150 navios com 9:000 homens de mar e 70:000 de terra, preparada para a conquista da Inglaterra, e a que o orgulho hespanhol deu o nome de *invencivel armada*, fôsse destruida no alto mar pela furia dos elementos, com quanto varios revezes lhe succedessem nas differentes guerras, em que alternadamente andava empenhado, sempre conservava em boa ordem e stricta disciplina o govêrno das vastas colonias, que por toda a superficie do globo possuia; e sem



jamais faltar ao necessario para a administração dos proprios estados tinha repartidos pelas possessões exercitos poderosos e numerosas esquadras. O total das forças navaes, de que em 1625 dispunha Philippe II de Castella, montava a 20 naus, 260 galeões e 204 galeras. O exercito constava de 450:000 homens, dos quaes uma força de 30:000 praças de todas as armas formava a guarnição de Portugal e 224:000 occupavam as provincias da Hespanha. Os restantes do 9:000 soldados achavam-se espalhados por todas as colonias, tanto em terra firme como insular.

Em breve se offereceu aos portuguezes uma occasião favoravel para aguerrirem um exercito e crearem cabos de guerra, de que tanto careciam para a realisação do sonho dourado da sua emancipação. Em 1624 os hollandezes ja livres do jugo castelhano enviaram ao Brazil uma armada de 35 navios, e, apenas chegados, tomaram a cidade de S. Salvador da Bahia e cuidavam ja de sujeitar ao seu dominio o resto d'aquella provincia. Deram-se logo pressa os hespanhoes de aprestar uma expedição, e grande número de portuguezes correu a alistar-se nos terços que se levantavam, contentes por irem defender uma possessão, que tinham fe em tornar ainda a ver portuguezes. So Portugal forneceu 22 embarcações de guerra completamente equipadas, e um corpo de tropas de 3:000 homens de todas as armas, montado tudo á custa de um donativo nacional, que excedeu a 250:000 cruzados.

Foi então que os brios nacionaes se patentearam em rasgos de heroismo; e tal bravura e disciplina mostravam os nossos soldados, que, tendo-se entrado no dia 1.º de Maio de 1625 na capital do Brazil, a defeza da cidade foi confiada a 1:000 portuguezes sob o commando do sargento mor Pedro Correia da Gama. Mas Portugal tão prompto sempre a fazer sacrificios, quando se tractava de repellir qualquer ataque feito aos seus antigos dominios, oppunha vigorosa resistencia em auxiliar os castelhanos nas suas demais empresas. Não foi pois sem grave

descontentamento que os portuguezes foram obrigados em 1639 a fazer marchar contra a França terços de tropa, e a pagar onerosos tributos extorquidos á força com barbaro rigor.

Como o astro, todavia, que levanta, apparece brilhante em chegando ao zenith da sua carreira, e em seguida começa a declinar e obscurecer-se, até que por fim se esconde no extremo horisonte, assim o poder hespanhol, começando por avassallar quantos se lhe não rendiam humilhados, desde o menos poderoso senhorio até ao maior potentado, chegou a ponto de conjunctamente lhe obedecerem quasi toda a Europa, grande parte da America, muitas praças na Africa, ricás possessões na Asia e diversos archipelagos espalhados pelo oceano! No seculo XVI subiu ao apogeu da gloria, e logo no princípio do immediato a estrella de Castella foi vista correr apressada para o occaso. Foi então que os hollandezes, a pretexto de liberdades religiosas, se desligaram do jugo hespanhol: e no decurso do mesmo seculo o throno ja mal seguro de tal modo vacillou nos seus fundamentos, que ao começar do seculo XVIII a Europa viu partido o tyrannico sceptro, que a escravisára, continuando ainda no actual a decahir notavelmente o seu dominio nas Americas!

Depois da Hollanda coube a Portugal o hastear a bandeira sancta da independencia.

Os portuguezes depois de haverem exgotado até ás fezes o calix de absyntho dos infortunios, vendo trahidos um por um os sagrados compromissos reaes, sentindo campear a tyrannia e a oppressão em vez de os favorecer um protectorado amigo, conhecendo o firme proposito que havia de os delapidar nos bens e nas vidas em lugar de lhes conceder uma boa e nacional administração, que os levasse á prosperidade, e para cúmulo de injúrias, vendo riscada a sua patria de entre o número das nações, tomaram a resolução heroica de partirem as algemas, que por espaço de 60 annos os tinham opprimido.

Conjurados para esse fim os mais il-



lustrados espiritos e os caracteres mais valorosos da epocha, e havendo concertado entre si o plano mais favoravel para o exito feliz da sua empreza, levantaram em Lisboa ao meio dia do 1.º de Dezembro de 1640 o grito arrojado da restauração portugueza, acclamando rei o Senhor D. João IV, então 8.º duque de Bragança.

Com esse brado memoravel, que foi repetido por todas as boccas; que encontrou echo em todos os peitos e que veio dar fôrça a todos os braços, começou para Portugal o despontar de uma aurora linda, a cujo clarão esplendido tornaram os nossos maiores a recuperar a perdida liberdade, firmando-a depois para sempre, apos uma guerra de 40 annos, em que o amor da sua nacionalidade os fez sempre desprezar o número superior dos inimigos, e vencer constantemente á sombra protectora das quinas de Ourique!

'Neste dia por nós abençoado,  
memoria das acções de nossos paes,  
desfraldem-se as bandeiras triumphaes  
respeite-se no mundo o nosso brado

«Patria dos Albuquerque, patria minha,  
depois de ser escrava eis-te rainha!»

Renasça nos teus filhos a alegria,  
aponta-lhe depois teus altos feitos...  
Oh! se para vergonha houvessem peitos  
que a ti se não rendessem 'neste dia!...

Não pôde ser: o doloroso grito  
da nossa antiga liberdade escrava  
dilacera, qual fogo d'uma lava  
o peito do proscripto!

E nós fomos proscriptos por traição  
das nossas regalias e poder!  
Cahimos pouco a pouco sem saber  
nos ferros da prisão.

Quizemos ver a luz do Sol querido  
a luz da liberbade, em que nascemos...  
embalde! era ja tarde, não podemos  
vingar o bem perdido!

Sessenta annos de lagrimas regámos  
este solo, que o sangue baptisou:  
nossa voz no deserto em vão clamou;  
pela espada d'Affonso em vão clamámos!

Era o justo nos carcereos do inferno  
bramindo imprecações contra o oppressor:  
era o arranco final, final rancor

d'um peito, que se sente  
morrer eternamente!

Mas não morreu o bravo,  
morreu, sim o leão  
que tinha feito escravo  
o portuguez pendão.

Soltámos nossos pulsos roxeados  
para brandir a espada marcial.  
Votámos nossa vida a Portugal  
com elle nossos paes foram vingados.

Foi o sangue dos filhos o resgate  
da patria, que nos deu a cara vida.  
Bem cara nos ficou; mas em remate  
a furia castelhana foi vencida!

Gloria aos portuguezes, gloria, gloria  
'neste dia solemne e festival.  
Festejamos o dia da victoria  
do nosso tão querido Portugal.

Retumbe a minha voz em som celebrado  
como os echos longinquos do trovão!  
Muito embora me estale o coração,  
hei de á patria votar mais este brado

«Patria dos Albuquerque, patria minha,  
depois de ser escrava, eis-te rainha»

É este o dia maior das nossas tradições  
— As nossas sanctas tradições o affiançam.  
Um descendente de *Capeto* retalhára  
com a lança afiada na cruz, nos plainos  
sanguinarios da batalha, os *crescentes* flu-  
tuantes dos cinco *Mauritanos*; e uma co-  
horte de heroes, em echo dignissimo dos  
bravos, que em tempos chamados barba-  
ros venceram Roma, não se humilhando  
ante a faustuosa realza; mas exaltando



so o heroe, exclamava unisonante — Viva Affonso Henriques Rei de Portugal!

Depois em Almacave heroes tambem formaram um codice de leis para a lusa nação.

Decorreram cinco seculos...; o povo era o rei, porque o rei se incarnára no povo; e durante esses cinco seculos tivemos um *Lavrador*, um *Justiceiro*, um *Perfeito*, um *Afortunado*, e um *Desejado*! Mas nos penultimos lustros d'esse tempo os ceus da Lusitania illuminados pelo genio e pela liberdade eram contemplados com inveja e pasmo pelos olhos semi-cerrados do mundo; e-la ia reverberar essa illuminação em raios tão vívidos, que os espiritos elevados do estrangeiro eram ofuscados!

A lista dos Nunos, dos Pachecos, dos Gamas...; tinha sido duplamente immortalizada, pois o Bardo-principe descantara as glorias e as façanhas do seu paiz em cithara divinamente sonora, e inflammado pelos raios melancholisadores de saudade duplice, que os ceus de Lysia reflectiam nos páramos longinquos...! Que mais faltava á patria de Camões?

Á luz clara do dia sobrevem a cerração nocturna; *Marengo* conduz a *Waterloo*; ao entreabrir das cataratas no firmamento em quadro infinitamente magestoso advem o cataclysmo; depois das orações e do agonisar em Gethzemani vem o osculo perfido e o lenho pharizaico...; que restava pois, que podia sobrevir a Portugal, o primeiro em glorias na Europa, no zenith de seu poderio, no vigor da mocidade?

Restava a nuvem espessa, tempestuosa, inesperada, que encobrisse as glorias patrias, como mortalha para o que é sepulto vivo á fôrça da golilha e da prepotencia!...

O Bardo-principe definhára á fôrça e em Alcacer-kibir se fórma a nuvem que ameaçadora e caliginosa avança em borbulhões de fogo, e amortalha os ha pouco limpos e vividos ceus, onde Camões bebêra a flux a inspiração!

Assim a nuvem transformando-se em medonho *Ecla* se despenha em lavas exterminadoras, até que o *Dragão do Escu-*

*rial* finca as garras despoticas e usurpadoras no corpo de Portugal-moço, pouco antes embriagado da summa gloria, que elle no último extasi da mocidade não soube, não quiz acalentar no seio tão puro e tão promettedor!

Portugal não é mais do que um escravo, e envelhece; pois o exilio e a fôrça congelam-lhe nas veias o fogo da mocidade: as cartas geographicas symbolisaram-no uma provincia: á nobreza ou antes aos patriotas são confiscadas posições e propriedades! e mal se escutam lamentos, abafados pelo pavor, na choupana e sob os marmores architectonicos, na cidade ou na aldeia, gemidos d'homens, que derramam lagrimas de desespero ao lerem pela millessima vez as estancias patrioticas do malfadado Luiz de Camões! E esses portuguezes, desprezando os beneficios cavillosos do usurpador, preferem antes morrer estrangulados nos postes, que, olvidando as glorias de *Manuel* e d'um *Joanne*, transpor submissos as forcas caudinas de Castella!

Ajoelhae portuguezes, e reclinae a fronte em veneração memorativa d'esses patriotas, ou antes d'esses martyres!

Sublime martyrio!

Em Roma o Martyr de Narbona e seus christãos consocios deixam-se atravessar de settas pelo seu Deus, pela religião, que maravilhosa brotou em torrentes de luz das escabrosidades do Golgotha, borrifadas pelo sangue sacrosancto do Homem-Deus; e em Portugal homens, cujos nomes.. ai quantos!... a historia mal aponta e nem consignou, se deixaram arrastar pelas peias castelhanas, e, folheando com os labios a epopeia *Patria*, avoaram para o infinito, legando uns á patria apenas seus ossos, e poucos á historia o seu nome e seus heroismos!... Mas quaes são os mais sanctos? Não é o patriotismo, não é o morrer pela patria, uma religião infinita e divina como a do Crucificado?

A *Sebastião*, a tantos martyres, erigiu a Igreja Romana estatuas; e Portugal, este templo de tradições, de virtudes, de façanhas, que estatuas tem levantado em honra e memoria dos heroes, que alimentaram com o seu sangue derramado



a arvore, cujas frondes eram ja amarellecidas, a arvore da independencia?

Ah! longe recriminações: o dia d'hoje é de jubilos; as horas d'hoje devem ser generosas; os minutos de um dia, em que Portugal resuscitou, como Lazaro do sepulchro cavado por alvião tyranno, devem ser delirantes como esses infinitamente expansivos, em que os bravos entoaram ao som das trombetas liberrimas o cantico *Victoria!*

Mas quem foi o Christo, que fez resuscitar esse Lazaro amortalhado? O Christo foi João Pinto Ribeiro: os Apostolos e os sectarios enthosiastas do apostolado foram um punhado d'homens, que inda eram portuguezes, e preferiam antes o ostracismo em perspectiva, a corda do carrasco, a qual balançava no pelourinho aos ventos machiavelicos dos Philippes, que dormir em leitos comprados pelo oiro do Escurial, que ajoelhar ante o sceptro patricida d'um rei, rei estrangeiro e usurpador, e que fizera de Portugal o que fazem os proprietarios ás minas; escavam-nas, subtrahindo-lhes todo o oiro, todos os metaes preciosos, deixando so ruinas, penhascos e lama!

Mas a patria do Bardo-propheta foi restaurada... — Oh caso unico nos fastos da historia dos povos! — ao ribombo rugidor de uma arma, Portugal envelhecido estremece, cheio de fôrças, como o paralytico, cujas articulações são atravessadas por correntes galvanicas! Ao estrondo de uma explosão, Lisboa, Portugal ergueuse da tumba terrivel, com semblante de moribundo, livido de rancor, desgrenhado de furia, como o leão que se escapou da jaula rujindo liberdade! E o grito repercutiu ao longe, fazendo estremecer todos os muros da nação! É que esse grito era voz do Omnipotente, esse rugir era infinito! E de repente Portugal-Americano, Portugal-Lybio e Portugal-Asiatico, como que electrizados, pela mesma corrente, majestosos, tremendos, justiceiros, bramaram liberdade! E logo uma dynastia se inscreveu na historia pouco antes usurpada, e ja em restauração. O Duque de Bragança acceita a coroa com as glorias do preterito, inda assim esplen-

doroso, ou para morrer abraçado a ella, symbolo de Portugal, como Christo á cruz, ou para vencedor, arrogante e justiceiro tambem, bradar á Europa, aos Imperios, ao Mundo—Liberdade! Eu sou descendente dos valentes, que em Aljubarrota esmagaram os covardes dos leões de Castella!...

O dia 1.º de Dezembro de 1640 pertence so a Portugal: aqui foi o theatro: a plateia foi todo o mundo admirador!

Mas a explosão da arma fôra efficaz; o paralytico móvera-se altivo e imperante; cada portuguez se torna um heroe; o esto marcial de Viriato insuffla as arterias de cada bravo; a tradição d'Ourique, do Salado, de myriades de laureis, e mais que tudo o poema, a orchestra, que, harmonisava sem cessar a seus ouvidos, liberdade!, os arrebatava aos plainos da peleja; e ahi, calcando os cadaveres cruentos do inimigo, nadando em oceanos de sangue palpitante, abraçando-se em delirio ás quinas portuguezas, arrastados todos pelo mesmo magnetismo, maravilhosos mil vezes bradaram: victoria! victoria!

Venturosos!... que não escutavam 'nesse momento cego e delirante os gemidos dos orphãos e a pungente voz da saudade, a qual a viuva soluçava; que tremulentos da victoria nem orvalhavam de lagrimas os seus irmãos martyres, os quaes jaziam estirados, hirtos nas planicies, disputadas pelo dragão castelhano! Venturas!... Mas devemos nós hoje chorar com esses orphãos, e prantear os heroes, que morrendo resgataram Portugal da servidão dura e crudelissima de 60 annos, de *sessenta seculos?*

Oh! Jamais!

O heroe nunca morre: a morte do que se sacrificou por uma ideia patriotica converte-se em vida para o porvir: a historia é a pregoeira d'essas façanhas.

As lagrimas são para lamentar os cobardes e os traidores; e ellas então affiam espadas e punhaes.

Hoje so exultemos d'alegria por podêrmos, em espansões infindas de liberdade, commungando na mesa de nossas tradições esplendorosas, contemplando o



porvir com os olhos da esperança e da ventura, e reunindo os bellos matizes dos ceus italianos com os de Lysia, por podermos exclamar em brados majestosos e formidaveis a todo o mundo Liberal: Viva a liberdade! Viva Portugal! Uma estatua a Pinto Ribeiro e aos que brandiram mais poderosos e mais terriveis nos Montes-Claros, nos innumerados recontros, as lusas quinas, que hoje se ostentam altivas e soberanas para festejarem o dia maior de nossas numerosissimas tradições gloriosas!...

Verdadeiros portuguezes, e vós especialmente valorosos soldados da liberdade, eia de pe, e saudaes solemnemente o anniversario do glorioso *resurrexit* da vossa patria!.....

Esse genio assombroso, que outr'ora baixára das cumiadas dos Herminios, para enfrear o voo audacioso das aguias romanas, que mais tarde espalhára ao largo as cinzas do crescente, para consolidar a sua nacionalidade, e independencia, e por último, depois de haver affrontado impunemente a cholera do Titan Africano, abríra de par em par as portas do Oriente aos povos europeus: esse genio assombroso, em summa, que representára o papel principal no primeiro acto do grande drama da historia moderna, foi pela mão d'uma raça perfida e satânica, arrastado ao inferno da escravidão!!...

E ai! escarraram-lhe taes affrontas, devoraram-lhe tanto as visceras, deram-lhe a beber tanto absyntho, que a morte estava ja prestes a estender o seu funebre veu por sôbre o venerando Martyr!...

Tamanho esplendor porém, e tão gloriosas tradições não podiam tão cedo, e tão ignominiosamente desaparecer na voragem dos seculos. O espirito de Deus passa sôbre a face do moribundo. Este estremece, abre os olhos, ergue-se magestoso e terrivel, e ao brado d'um grande heroe faz voar pelos ares os ferros, que o haviam tão barbaramente ultrajado.

Sim, o grande heroe, que por uma *traição infame* tombára, como o cedro gigante, nos plainos de Alcacer Quivir, e pouco depois desaparecera nas garras do Leão, passados sessenta annos, ou antes sessenta seculos d'agonia, á voz do grande Pinto Ribeiro ressurgiu mais augusto e sublime, ha hoje 223 annos. Portanto, portuguezes, hoje de pe, e solemnisaes a mais gloriosa página da nossa historia!

*Marengo* quer dizer a fôrça do homem, a tactica dos Fredericos, o genio do tyranno.

É formidavel, assombra o mundo e os tempos; mas... é o *homem*, que so trabalha. *Waterloo* diz mais: independencia da Europa proclamada aos sons pavorisadores das trombetas de Blucher, ou antes ao som da trombeta de Deus, que fez do homem um instrumento para castigar o homem... Por fim Sancta Helena recebeu em seu leito escarpado e ermo o corpo-cadaver do Adamastor, que originára o cataclysmo europeu em catadupas de sangue!...

Cada época, cada seculo não é mais do que o *mane tessel phares* do festim de Balthazar; o heroe-tyranno da epocha tera o seu propheta, o seu antagonista severo; o castigo do Omnipotente!

Portugal ha dois seculos victima de um cataclysmo, mal salvando-se em arca de Noé as reliquias do passado, agrilhado pelo despota ao jugo da escravidão, sorriu, quando viu gravadas nas nuvens, que oscillavam para as partes do norte, as palavras *mane, tessel phares*... sorriu, e libertou-se; porque o propheta, a consciencia inspirada, fez proferir nos labios de cada portuguez:

«Balthazar bebe pelos vasos sagrados; no fim do banquete e da orgia virá o castigo do Omnipotente!»

E os libertados proclamaram na tuba de mil batalhas victoria e castigo. E quem castigava era Deus; o homem era sua creatura, seu servo: e 30 annos, em que as quinas se arvoraram vencedoras sempre, justificaram bem, que os portu-



guezes eram guiados mais por nume sobre-natural do que pelo generalissimo!... E não sera o amor da patria raio despedido da corôa de Jehová que vem infinitisar as fronte, os braços, o coração de um povo, d'um punhado de heroes?

De certo esse raio volveu do empyreo: e ateou no intimo de nossos avós a chama, que ainda hoje vem accender e vigorar a consciencia individual de uma academia, que hoje em festa absolutamente arrebatadora, quasi doudejante, clama:

«Nós somos descendentes dos que uma vez foram vencidos, dos que mil vezes venceram! Nós somos Portuguezes!»

Neste brado não vae philtrada a novicia reacção dos partidos: as convicções olvidam-se para predominar uma unica, o amor que todo o bom filho deve ter a sua mãe; e nós somos filhos de Portugal!

Embora Castella recrimine e zombe d'estas nossas lagrimas de alegrias expansivas da independencia: éstas lagrimas não provocam, rememoram como *Te Deum*, um dia o mais maravilhoso da historia portugueza, e mais assombrador do que esses, em que se pelejavam Mouros. Estas lagrimas são... *como um dia devem ser as dos infelizes Polacos...* mas esse dia?...

Todo o portuguez, que sabe avaliar o que é Independencia, olhe para a escravidão d'essa orphan do Norte, d'esse Portugal de 1639, e versado nos assassinios, nos martyrios, que o tyranno applica á victima, grite com toda a fôrça de seu intimo:

«Independencia ou morte! Liberdade ou valla da planicie, onde cair o cada-ver!... escravos... so da patria!...

Viva Portugal!

Solemnisemos com este brado, filho de um coração que se alarga em frente das glorias patrias, o dia 1.º de Dezembro de 1863, anniversario d'outro que ficou em Portugal assignalado como a benção de Deus em peito de crente!

Ponhamos de parte todas as obras literarias em que nos occupámos para deixarmos escapar uma lagrima de regosijo sôbre a Odisseia portugueza, a historia da nossa patria, na página mais brilhante, que la se ve!

Pinto Ribeiro foi o Homero do 1640, que com a ponta da espada tinta no sangue castelhano escreveu nos annaes da patria o feito que hoje vimos celebrar na companhia de nossos irmãos patriotas que por ahi vivem por todo o Portugal abraçado com a memoria de Pinto Ribeiro, memoria, que, como a columna dos Israelitas projecta sombra para a nação, que alem ficou mergulhada nos mares da carnificina, em quanto allumia a frente dos guerreiros que cingiram as coroas marciaes no dia glorioso da nossa redempção!

Pinto Ribeiro ja não vive na terra. Altares se lhe levantam onde elle existe ainda nos nossos corações!

Sacrifiquem-se em honra do heroe todas as affeições de nossa alma, que nenhuma 'neste holocausto mystico se não consuma a não ser em sua gloria!

Venham as benções do povo coroar o sacrificio!

E em volta da sua sombra se curvem os antigos escravos redimidos por elle 'neste dia, cujo anniversario estamos festejando com successivos brados d'expansivo regosijo

Viva Portugal!

Viva Pinto Ribeiro

Vivam os patriotas, que comnosco celebram este dia!

Viva a briosa mocidade portugueza! Viva a ideia! Resplandeça 'neste solo o sol da liberdade! E, se um dia o jugo de Castella se pretender elevar sôbre nossas fronte, trocando as ideias pelos factos, e a penna pela espada, vamos todos ao campo da batalha bradar com o homem livre, o poeta portuguez.

Antes mortos do que servos  
No torrão de nossos paes!...















